

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CELISMAR AURÉLIO DE OLIVEIRA

A OBRA DA REDENÇÃO

ANÁPOLIS - GO
2018

CELISMAR AURÉLIO DE OLIVEIRA

A OBRA DA REDENÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, e obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do Prof. Esp. Fábio Barbosa.

ANÁPOLIS - GO

2018

CELISMAR AURÉLIO DE OLIVEIRA

A OBRA DA REDENÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, e obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do Prof. Esp. Fábio Barbosa.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Fábio Barbosa.

RESUMO

Este trabalho quer apresentar os fundamentos teológicos sobre a Obra da Redenção operada por Deus em Cristo a favor da humanidade, seu desenvolvimento Histórico de acordo com a pedagogia divina e seu plano universal de salvação, seus efeitos, e como a Igreja continua essa obra até sua consumação escatológica. Em Deus não há sucessão de atos. Como nada O poderia surpreender na Sua onipotência e eterna sabedoria, pode-se dizer que antes mesmo de prever a queda, Deus já havia oferecido aos seres humanos a Graça da Redenção que se realiza e se concretiza no Seu Filho. Apesar do pecado Deus se manteve sempre fiel ao Seu amor. Na cruz a verdadeira reconciliação é alcançada por Deus; a humanidade, banhada pela Sua Graça salvadora. Esse acontecimento marca a vida de todo homem. Cristo é a vitória sobre o mundo, o pecado e a morte. O Filho único de Deus revela o amor do Pai. Da cruz nasce a Igreja como uma fonte que sacia o homem sedento de Redenção, de salvação e de paz.

Palavras-chave: Obra da redenção. Humanidade. Pecado. Cruz. Salvação.

ABSTRACT

THE WORK OF REDEMPTION

This work wants to present the theological foundations on the Work of the Redemption operated by God in Christ in favor of humanity, its Historical development according to the divine pedagogy and its universal plan of salvation, its effects, and how the Church continues this work until its eschatological consummation. In God there is no succession of acts. As nothing could surprise Him in His omnipotence and eternal wisdom, it can be said that before God even foretold the fall, God had already offered human beings the Grace of Redemption that is realized and realized in His Son. Despite sin, God always remained faithful to His love. On the cross true reconciliation is attained by God; humanity, bathed by His saving grace. This event marks the life of every man. Christ is the victory over the world, sin and death. The only Son of God reveals the love of the Father. From the cross the Church is born as a source that satisfies man thirsting for redemption, salvation and peace.

Keywords: Work of redemption. Humanity. Sin. Cross. Salvation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 - Os desígnios Eternos da Redenção	09
2.1 - A centralidade de Cristo	09
2.2 - A Criação do Mundo	11
2.3 - A Criação do Ser Humano	13
2.4 - O Pecado Original	16
2.5 - Conseqüências do Pecado	17
2.6 - O Sofrimento Humano	19
2.7 - A Fidelidade de Deus	21
2.8 - As Profecias a Respeito do Redentor	21
2.9 - A Encarnação do Verbo	24
3 - O Sacrifício Expiatório de Cristo	27
3.1 - O Amor do Pai e Filho aos Homens	27
3.2 - Da Conveniência da Redenção	29
3.3 - A Vida do Redentor	30
3.4 - Jesus Sacerdote	32
3.5 - A Morte de Jesus	34
3.6 - A Ressurreição de Jesus	37
4 - O Sacrifício Expiatório de Cristo	39
4.1 - A Redenção e a Trindade	39
4.2 - A Igreja, Esposa de Cristo	40
4.3 - A Redenção na Liturgia e nos Sacramentos	42
4.4 - O Ser Humano, Colaborador da Redenção	43
4.5 - A Redenção Caminha para Escatologia Final	46
4.6 - Maria, Imagem da Nova Humanidade	47
4.7 - A Redenção na Patrística.....	48
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

A centralidade de Cristo na teologia está sempre em evidência. Tudo o que existe foi criado por meio d'Ele e para Ele. Deus não cria o universo e o ser humano porque necessita deles, mas, livremente pela Sua gratuidade e pelo Seu amor. Para que o ser humano, ápice da criação, imagem e semelhança do próprio Deus, seja senhor e colaborador com Ele. O ser humano se destaca pela sua capacidade, sabedoria. Deus espera que ele escolha livremente pelo Seu criador.

Adão, o primeiro homem, seduzido pelo mistério do mal se deixou desviar do plano inicial de Deus por meio do pecado, cujas conseqüências herdaram todos os seus descendentes. Mas, o ser humano revela nesta realidade, mesmo que em sentido negativo, algo próprio da humanidade, a solidariedade!

Em Deus não há sucessão de atos. Como nada O poderia surpreender na Sua onipotência e eterna sabedoria, podemos dizer que antes mesmo de prever a queda, Deus já havia oferecido aos seres humanos a Graça da Redenção que se realiza e se concretiza no Seu Filho. Apesar do pecado Deus se manteve sempre fiel ao Seu amor.

Depois do pecado de Adão a pedagogia divina preparou a humanidade para a Encarnação do Verbo. As profecias a respeito do Salvador são encontradas em todo o Antigo Testamento e nos mostram a presença constante e libertadora de Deus na História. Na Encarnação do Verbo acontece o encontro verdadeiro da humanidade e do divino, a humanidade é realmente assumida. Deus entra na história e vive realmente como homem, menos no pecado. Por ser humano e divino, Ele é capaz de dar a verdadeira resposta esperada por Deus e remir toda a humanidade. A redenção também é fruto da bondade, gratuidade e amor de Deus.

A vida de Cristo foi uma grande entrega de amor ao pai e a humanidade. Ele vence o pecado com a Sua morte e vence a morte com a Sua Ressurreição. Assim, ele reconcilia a humanidade com Deus. O grande acontecimento se concretiza com a ressurreição, a morte da morte. O Senhor envia sobre seus discípulos o Espírito Santo e os manda em Missão para continuar sua Obra. Mesmo vencendo todo mal ele ainda continua atuando no mundo e no ser humano a fim de o seduzir e o desviar de Deus. A Igreja vive diariamente a luta contra o pecado e o mal e faz com que a Redenção aconteça na vida dos filhos de Deus. De modo especial, por meio dos sacramentos, que alimentam os filhos de Deus e os fortifica

na luta contra o mal, os reconcilia com o Senhor e os irmãos. O ser humano, não vive apenas no meio de uma batalha entre o bem e o mal, ele que é o principal colaborador com a sua ruína ou com a sua salvação. A igreja luta para preparar a humanidade para o encontro definitivo com o Senhor e para que cada ser humano se torne uma testemunha fiel do Ressuscitado, comunhão com toda a igreja, a Virgem Maria e todos os Santos.

2. OS DESÍGNIOS ETERNOS DA REDENÇÃO

Esta primeira parte contemplará a fundamentação bíblica que nos possibilita falar dos desígnios divinos da Redenção. Toda Criação e ação de Deus revelam a Sua liberdade e gratuidade. Como nada poderia surpreender a eterna sabedoria de Deus, a gratuidade da Redenção parte de um desígnio eterno de Deus tendo em vista a reparação completa do homem através do Seu Filho, por meio do qual todas as coisas são criadas e estão sob o seu domínio.

2.1 A CENTRALIDADE DE CRISTO

Este trabalho procura, no fundo, compreender a realidade do ser humano, a sua natureza, o seu ser no mundo, o seu destino, a verdade que o envolve e que dela ele participa. Nossa reflexão busca por compreender a realidade do homem e do mundo que o envolve parte da perspectiva da fé centrada na capacidade do homem de conhecer a verdade, “Em resumo, pela razão o homem alcança a verdade, porque, iluminado pela fé, descobre o sentido profundo de tudo e, particularmente, da própria existência” (JOÃO PAULO II, 1999, n 20). Iluminado pela fé o homem sábio se esforça cada vez mais para descobrir o que deve praticar e o que deve buscar para, assim se desenvolver,

“A fé, que acolhe a palavra divina e a põe em prática, interage eficazmente com a razão. A inteligência da fé, em particular da fé orientada para a práxis, é estruturada pela razão e vale-se de todos os contributos que esta lhe oferece” (CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, n.74.).

A razão, tão valorizada no nosso tempo, revela, verdadeiramente, por um lado, a grandeza do ser humano, a capacidade que ele possui de se reconhecer como ser livre e responsável, de se auto determinar, de escolher o caminho a seguir, de se arriscar, de se desenvolver, de criar etc. Essas características não são menosprezadas pela teologia, ao contrário, A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Por isso, a teologia se desenvolve a partir de um encontro entre ambas, sem negar a

importância que cada uma possui no caminho de desenvolvimento e crescimento da vida do homem.

A teologia reconhece o valor da razão, tanto que se utiliza dela para desenvolver a sua doutrina, o conhecimento que ela possui de Deus, para iluminar com a luz de Cristo a realidade do seu tempo. Mas, reconhecendo a sua importância, a Igreja sabe que ela não pode ser a fonte única de sabedoria capaz de responder de modo satisfatório as maiores indagações humanas. Caso a razão fique separada da fé a sabedoria humana corre o risco de criar não apenas benefícios, mas de apresentar até, ameaças à própria vida humana, basta observarmos as recentes explorações desenfreadas que se utilizam das inovações tecnológicas em nome de um pretenso progresso, “[...] de um mundo que se acha, como nunca, transformado pelo progresso operado pelo homem; e está ao mesmo tempo, como nunca, em perigo por causa dos erros e da culpa do homem” (JOÃO PAULO II. 2009, n.8).

Nosso trabalho parte de um pressuposto fundamental, “Além do mais, já que a pessoa humana como um todo é redimida por Cristo, essa verdade deve poder ser demonstrada na ordem intelectual” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. 1997, p.13). Conseqüentemente ele parte de uma reflexão centrada, sobretudo, na Palavra de Deus, na Tradição e no Magistério da Igreja, acerca dos acontecimentos da fé e, portanto, da salvação que Deus oferece aos homens por meio do Sacrifício redentor realizado por Seu Filho na cruz e das implicações que isso representa para a humanidade e sua História, “O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história” (JOÃO PAULO II. 2001, n.1). No tempo, se tornou possível um encontro do homem com Cristo e do Cristo homem com a humanidade, onde nasce um caminho de comunhão e crescimento proposto, desse encontro de amor.

Portanto, os princípios adotados nesse trabalho estão centrados e orientados na Pessoa, nas Palavras e nas ações salvíficas de Cristo. Sendo assim, apesar do nosso objeto ser sempre o homem, a primazia, a exaltação, a honra, a grandeza e a Graça, é a de Cristo, Ele que realmente *responde* quem é o homem e o revela a verdade. É por meio d’Ele que todas as coisas são criadas e estão orientadas. A centralidade da pessoa de Cristo na teologia cristã está sempre em evidência:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e

irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos destinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para o louvor e glória de sua graça com a qual ele nos agraciou no Amado. E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça, que ele derramou profusamente sobre nós, infundindo-nos toda sabedoria e inteligência, dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra (Ef 1,3-10).¹

Em Cristo e por meio d'Ele o mundo é criado e começa a existir, as coisas são ordenadas, o ser humano é criado e abençoado, capaz de reconhecer o Seu Criador e colaborar com Ele. Tudo o que foi Criado está orientado para Cristo. A pedagogia divina nos mostra que Deus nunca abandonou suas criaturas. Se queremos compreender quem é o homem devemos, sobretudo, olhar para Cristo:

[...] a perspectiva a partir da qual, na teologia, se deve estudar a criação e, por conseguinte, a condição de criatura do homem é nova, é assinalada por Cristo desde o primeiro momento. Não existe outro homem senão aquele que, desde o primeiro momento, foi criado à imagem e semelhança de Deus; e tudo foi criado por meio de Cristo e caminha para Ele. (LADARIA, 1998, p.13-14)

2.2 A CRIAÇÃO DO MUNDO

“No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). A criação do mundo é entendida como a ação externa de Deus, obra prima e fundamental para Ele se comunicar às criaturas, ela é “[...] base e condição de todas as outras ações de Deus, que culminam na comunicação de sua vida às criaturas racionais, chamadas a viver eternamente com Ele” (BARTMANN, 1962, p.357).

Deus é o Criador e a sua obra possui um altíssimo valor, “Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que era bom” (Gn 1,25). O universo possui uma ordem, uma harmonia, é nele que Deus se manifesta às criaturas e revela a sua gratuidade e o seu poder criador e assim, também, a sua capacidade de salvar e libertar, “A fé no Deus libertador traz o pleno reconhecimento de Deus criador e, ao mesmo tempo, somente Ele tem condição de garantir libertação plena e definitiva, uma vez que não é só o Deus de Israel mas também o Deus do mundo” (LADARIA, 1998, p.38).

¹ Todos os textos da literatura bíblica que estão citados nesta comunicação seguem a tradução da: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

A teologia Católica ao desenvolver e ao reafirmar sua doutrina a respeito da Criação, elaborou e aprofundou conceitos fundamentais para demonstrar a sua razoabilidade e esclarecer pontos obscuros. No fundo, o próprio entendimento de *quem é Deus* que é colocado em questão. A teologia Católica ao desenvolver sua doutrina à respeito da Criação parte dos princípios de liberdade e onipotência de Deus. A partir daí se pode demonstrar que Deus não cria o mundo por necessidade e nem o cria de uma matéria pré-existente. Deus cria o mundo do nada, “Deus produziu o universo sem se servir de coisa alguma, unicamente com a sua vontade onipotente. Deus é a causa absoluta, única do mundo” (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.359). Sendo assim, a teologia concorda com o enunciado filosófico de que do nada, nada provém, porque o mundo não provém do nada e sim de Deus que o cria do nada. As coisas criadas e o poder do Criador revelam características do seu ser, podemos dizer que, o mundo está intimamente ligado ao mistério do seu Criador e à finalidade designada por Ele,

“Que, do ponto de vista teológico, não se possa mais falar da criação do mundo por parte de Deus como de algo neutro, sem relação com a história da salvação, que culmina em Cristo, hoje é algo totalmente estabelecido. A criação já é mistério de salvação” (LADARIA, 1998, p.38).

O mundo tem uma finalidade específica, “Deus criou o mundo para manifestar e para comunicar a sua glória. Que as suas criaturas participem da sua verdade, de sua bondade e de sua beleza, é a glória para a qual Deus as criou” (CIC,1999, n.319). Mas a criação não está de certa forma *acabada*, ela se desenvolve de acordo com os desígnios de Deus, e é continuamente mantida por Ele, “Deus não pára de agir no mundo e na história, e sua ação criadora não é menos intensa agora que no primeiro instante” (LADARIA, 1998, p. 41). O ser humano é colocado no mundo e convocado para cooperar com Deus e organizar o mundo construindo a si mesmo e colaborando com os outros, para alcançarem a sua verdadeira finalidade, a vocação e a realização a que são chamados, “O universo foi criado não para que existam muitos astros e tantas outras coisas, mas para que haja um espaço para a ‘aliança’, para o ‘sim’ do amor entre Deus e o homem que Lhe responde” (RATZINGER, 2013, p.80).

2.3 A CRIAÇÃO DO SER HUMANO

Há uma semelhança entre as coisas criadas e o ser humano: ambos são chamados da não existência para a existência. Ambos são criados pela liberdade, gratuidade e bondade de Deus. A humanidade e o mundo têm seu início na livre vontade e decisão de Deus em criar,

[...] a humanidade e o mundo não têm direito a existir mas, apesar disso, não são resultado do 'acaso e da necessidade'. Existem porque foram e são chamados a existir. Foram chamados quando ainda não tinham existência, de maneira que viessem a existir. São chamados da não-existência para ser dados a si mesmos e, assim, existir em si mesmos (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.63).

O mundo Deus cria do nada, já o ser humano é formado pela união de dois princípios, um material e outro espiritual, formando verdadeiramente uma unidualidade, “Então lahweh modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”. (Gn 2,7). O princípio espiritual aparece como criado do nada, já o corpo aparece não como criado do nada, mas da matéria já existente, “Deus criou a alma absolutamente do nada, o corpo ao invés, da matéria preexistente” (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.418). O relato que culmina com a criação do ser humano apresenta pela primeira vez que “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31). Portanto, a origem do homem não é conciliável com nenhuma doutrina materialista ou panteísta. Deus é o criador e ordenador da matéria. O princípio material revela por um lado a fragilidade e limitação temporal do ser humano, a sua finitude. Por outro lado, a alma aparece como princípio ligado à eternidade, aquilo que não morre. Ele é criado para a imortalidade.

A criação do ser humano é entendida como ápice da criação de Deus, ele se destaca por ser o único ser criado à Sua imagem e semelhança, e por ser *semelhante* ao Criador, ele se apresenta como poderoso em relação às outras criaturas, capaz de as dominar,

“Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras, e todos os répteis que rastejam sobre a terra’ (Gn 1,26).

Ele é criado à imagem e semelhança de Deus que é amor e que é bom, o homem traz em si esses traços e está orientado para essa comunhão de amor com Deus, com o próximo, com o mundo e consigo mesmo,

O ser humano, enquanto imagem de Deus, é criado para amar. [...] Criando-a à sua imagem [...], Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA:1996, n.8).

Esse amor que eternamente Deus vive em si mesmo na sua relação intratrinitária de doação e acolhimento, numa verdadeira comunhão de amor é também um grande mistério, o mundo e o ser humano são também reflexos desse mistério e estão envolvidos por esse amor de acordo com os desígnios de Deus. O amor de Deus é criador, fecundo, doador de vida,

Lembremo-nos, pois, constantemente de que o universo foi criado para realizar um livre e supremo desígnio de amor; pois se afirmamos, da Trindade, que é, na sua imutabilidade fecunda, o mistério dos mistérios, podemos agora dizer da criação, que também ela encerra seu próprio mistério dos mistérios, o da sobrenaturalização das criaturas: mistério de adoção, único a dar sentido adequado a tudo o que se prepara no tempo e se consuma na eternidade (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.358).

O ser humano parece viver entre dois extremos, “Afinal o que é o homem dentro da natureza? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada” (PASCAL,1988, p. 52). A condição de criaturalidade é uma constituição do seu ser que nunca o abandona, revela por um lado que ele está orientado para Deus e é em relação às outras criaturas senhor do mundo, mas, seu senhorio não é absoluto, ele também é constantemente criatura, “O homem é uma criatura entre as criaturas, mesmo se neste mundo criado ele tenha uma evidente centralidade. É criatura particular, sem dúvida, mas a particularidade, embora a determine, de modo algum limita a condição de criatura” (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.37).

Dentre todas as criaturas ele é dominador, sábio, e se destaca por ser capaz de conhecer seu destino e saber que não pode por suas próprias forças encontrar o repouso e a harmonia,

O ser humano enfrenta uma situação dramática, em que todos os esforços em busca de sua libertação da escravidão e dos sofrimentos auto-inflingidos estão destinados ao fracasso. Finitos por causa de nossa origem como criaturas, infinitos como resultado do nosso chamado para sermos um com o Criador, não somos capazes, com base nos nossos próprios esforços, de

passar do finito para o infinito (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.25.)

Se ele é sempre uma criatura, Deus revela continuamente a sua paternidade. A vida lhe é dada e confiada, ele não escolhe nascer, ele recebe a vida pelo amor gratuito de Deus “Não temos em nós a última razão de ser da nossa existência. Existimos porque esse dom nos foi dado, pela bondade de Deus, que livremente quer dar-nos o ser” (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.13).

Vimos que na sua constituição, na sua unidualidade corpo e alma, o ser humano é o único criado à imagem do Criador, ele está definitivamente na sua natureza, orientado ao Seu Criador, constituído com um dom superior em relação às outras criaturas, capaz de *conhecer* o seu destino e alcançar a finalidade de acordo com sua aceitação e colaboração, mas essa sua condição de conhecer, acolher e colaborar, revela ao mesmo tempo a grandeza da sua vocação e da sua liberdade,

É claro que Deus nos criou para poder chamar-nos à graça da comunhão com Ele. Mas isso não significa que nosso ser de criaturas não tenha consistência própria, sempre em total referência a Deus, do qual recebemos tudo. Pelo contrário, essa consistência é necessária para que esse chamado, dirigido a nós mesmos, possa realizar-se (LADARIA, 1998, p.13).

Ele é sempre capaz de acolher os mais sublimes dons de Deus e também de rejeitá-los. Nada lhe é imposto, ele deve e pode escolher. Por ser criado à imagem de Deus, ele é possuidor de uma vocação sublime. Deus que é amor e cria o mundo e o ser humano por amor e gratuidade chama o homem à vida e dá a ele todas as capacidades de se desenvolver e crescer, ele é chamado para que na sua plena liberdade e com todo o seu ser busque o verdadeiro Bem e se decida pelo Criador, Todo o sentido da própria liberdade, do autodomínio conseqüente, é assim orientado ao dom de si na comunhão e na amizade com Deus e com os outros. Deus chama o homem à comunhão e espera por essa resposta, por esse encontro. A criação do ser humano é na verdade um grande mistério ligado ao mistério profundo de Deus e revela ao mesmo tempo que Deus quis dar a ele a vida divina, todas as coisas criadas refletem a Sua bondade e por meio delas Ele é glorificado.

2.4 O PECADO ORIGINAL

O pecado dos primeiros pais representa um marco para a toda a história da humanidade. Na teologia, não apenas em âmbito católico, muito já se discutiu quando e como ele realmente teria acontecido,

Atualmente os teólogos entendem assaz a interpretação alegórica. Todavia, os autores católicos, pelo menos, afirmam o caráter histórico da queda. Uma interpretação puramente simbólica da narração da queda, destruiria não só a doutrina do pecado original, mas também a da Redenção (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.47).

Portanto, uma adequada interpretação sobre a realidade do pecado original e sobre o pecado que ainda persiste no mundo, deve ser visto a partir da redenção da humanidade realizada por Cristo,

Somente à luz da salvação de Jesus e para explicar em que ela consiste se fala da situação de pecado em que se encontra a humanidade. Se existe algo claro no Novo Testamento e na tradição é que a doutrina do pecado original se desenvolveu apenas a partir da perspectiva da salvação que Jesus nos oferece e não um ensinamento 'prévio' à cristologia (LADARIA, 1998, p.86).

Embora o pecado não esteja nos planos de Deus para o homem, não pode ser visto como algo capaz de surpreender a sabedoria eterna de Deus,

Não podia Deus ser surpreendido pela queda do homem: Deus, no conhecer, não depende dos acontecimentos. Por isso não esperou o desenrolar da história humana, no tempo, para estabelecer seu plano de redenção [...] A análise lógica dos atos divinos, leva-nos a dizer que Deus resolveu remir o homem, depois de ter previsto a queda. Efetivamente, em Deus não há sucessão de atos, e sua eterna vontade de redenção coincide com sua eterna vontade de criação (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.8).

Devemos lembrar sempre da primazia da graça e da bondade de Deus em criar e não abandonar a criatura,

Portanto, a dialética da graça e do pecado pressupõe que, antes que qualquer pecado entrasse no mundo, a graça de Deus já havia sido oferecida aos seres humanos. A lógica interna da visão cristã da condição humana exige também que Deus seja o autor da redenção, pois o que precisa ser curado e salvo é nada menos do que a imagem do Próprio Deus em nós (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.13).

O homem apresentado nos relatos bíblicos vivia, antes da queda, em plena comunhão e harmonia com Deus e com o mundo que o envolve, e que a ele foi confiado para guardar e cultivar (cf; Gn 2,17). Ele era capaz de escutar o Criador com mais facilidade, é ele que dá nome aos seres, (cf; Gn 19-20). "A afirmação

fundamental no que diz respeito ao ‘estado original’ é precisamente esta, que o homem no estado de harmonia com Deus em que foi criado e a que foi destinado é também um ser integrado em suas dimensões pessoais, cósmicas e sociais (LADARIA, 1998, p.86). A queda do homem se mostra como um mau uso da sua liberdade, fruto da sua má escolha e contraria o bem que lhe é dado e confiado,

O Deus da Revelação, efetivamente, primeiro que tudo, é o *Criador*, da qual provém, juntamente com a existência, o bem que é essencial à criação. Por conseguinte, a violação consciente e livre deste bem, por parte do homem, é não só transgressão da lei, mas também ofensa ao Criador e Supremo Legislador (JOÃO PAULO II. 2009. n.10).

Mas, intimamente ligado ao pecado aparece o mistério do mal, “A serpente era o mais astuto de todos os animais [...]” (cf; Gn 3,1). O homem foi de certa forma, iludido, atraído e enganado, “[...] a serpente me seduziu e eu comi” (cf; Gn 3,13). A realidade do pecado aparece entrelaçada ao mistério do mal e mostra que ele é uma força superior ao homem,

[...] a fé destaca que o mal aparece como estando sempre presente na história e na humanidade: o mal transcende e precede todas as nossas responsabilidades individuais e parece surgir de ‘forças’ e até de um ‘espírito’ que estão presentes antes de agirmos e, até certo ponto, são externos a qualquer consciência em vontade pessoal em ação aqui e agora (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.12).

O pecado dos primeiros pais deixa para a posteridade uma trágica conseqüência, mas, revela também, mesmo nessa dramática situação uma característica própria da humanidade, “O pecado original é uma eloqüente demonstração, mesmo que em sentido negativo, da solidariedade humana” (LADARIA, 1998, p.14).

2.5 AS CONSEQÜÊNCIAS DO PECADO

As conseqüências do pecado são diretas para a humanidade, “[...] maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias da tua vida”. (Gn 3,17). O homem deverá ganhar o pão através do seu trabalho, “Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado”. (Gn 3,19). A mulher tem multiplicada “[...] as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos [...]”. (Gn 3,16). Mas certamente essa é a mais trágica conseqüência do

pecado para a humanidade, “[...] tu és pó e ao pó tornarás” (Gn, 3,19). A morte se torna um destino comum, “Eis por que, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. (Rm 5,12). Por causa do pecado a natureza humana “[...] não está mais em harmonia com os desígnios primitivos de Deus, ainda que nos seja impossível demonstrar que a causa de tal ruptura de harmonia seja o pecado de um primeiro homem, cometido há milhares de anos” (BARTMANN, Vol.I, 1962, p.471).

Ao se falar das trágicas conseqüências do pecado para a humanidade nunca podemos perder de referência que o ser humano na sua natureza é bom e que “[...] a imagem de Deus na pessoa humana, embora muitas vezes escondida e desfigurada na história como resultado do pecado original e de seus efeitos, jamais foi completamente erradicada ou destruída” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.10).

O homem não foi simplesmente expulso do paraíso, ele de certa forma se retirou e, o pecado dos primeiros pais repercute também para os seus descendentes, “A perda da santidade e da justiça, a ira e a indignação de Deus, feriram antes de tudo, o chefe da descendência, mas nele também seus descendentes, precisamente porque o pecado do chefe foi-lhes transmitido” (BARTMANN, Vol.I, 1962, p. 465).

A situação do homem após o pecado se tornou mais difícil, ele passou a conviver com inúmeras perturbações, ameaças à sua vida e sofrimentos, mas, ele, criado em Cristo, nunca esteve totalmente perdido ou abandonado. É preciso, no entanto, fazer a seu respeito uma séria reflexão sobre a sua real condição, “Seria possível dizer que, diante da Redenção que Jesus Cristo oferece, a humanidade descobre que é fundamentalmente orientada para a salvação e profundamente marcada pelo pecado” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.61).

Apesar das trágicas conseqüências do pecado, e das inclinações do ser humano para o mal, a natureza humana permanece boa e somente no bem se realiza. O mundo criado por Deus está em conformidade com o Seu plano, ele não pode ser visto como algo ruim, inimigo do ser humano, onde este luta continuamente para dele se libertar, “O mundo que nos circunda é também criatura de Deus, e o homem acha-se inserido neste mundo, é parte do cosmos, não está nele como um hóspede em casa estranha” (LADARIA, 1998, p.37).

A antropologia cristã sobre a realidade do ser humano é positiva tendo em vista da sua origem e ao que ele é chamado, “Portanto, a fé cristã tem o cuidado, por um lado, de não divinizar ou idolatrar os seres humanos por causa de sua grandeza, de sua dignidade e de suas realizações, nem, por outro, condená-los ou esmagá-los por causa de suas falhas ou maus atos” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.10).

A esperança cristã não é somente para um ‘outro mundo possível’, senão a vida aqui e agora correria o risco de perder seu verdadeiro valor e poderia ser menosprezada, “[...] não se trata de se desapegar das coisas transitórias para buscar refúgio em um Eterno, seja este real ou fictício, mas, ao contrário, de lançar as sementes da eternidade nos campos do mundo, deixando para que o Reino de Deus venha a brotar nesses mesmos campos” (BALTHASAR, 2016, p.14). A fé não pode fechar os olhos para as difíceis realidades que a vida humana enfrenta, “[...] a fé não está, sob o pretexto de proclamar a felicidade eterna em um mundo futuro, de modo algum inclinada a ignorar os muitos tipos de dor e sofrimento que afligem os indivíduos, nem a óbvia tragédia coletiva inerente a muitas situações [...]” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.11). Afirmando sempre o caráter positivo e bom de todas as coisas criadas, “O cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas”.

2.6 O SOFRIMENTO HUMANO

Diretamente ligado ao mal e ao pecado, o ser humano passou a vivenciar a experiência do sofrimento e da morte, “Em conseqüência do pecado original, a natureza humana está enfraquecida em suas forças, submetida à ignorância, ao sofrimento e à dominação da morte [...] (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA n.418)”. Tornou-se capaz de reconhecer a sua finitude e as suas limitações, passou a ganhar o pão com o suor do rosto e a sua vida ficou cheia de receios, medos e sofrimentos. A respeito desse último João Paulo II escreveu sobre a universalidade do sofrimento humano trata-se de um tema universal, que acompanha o homem em todos os quadrantes da longitude e da latitude terrestre; num certo sentido, coexiste

com ele no mundo; e, por isso, exige ser retomado. O sofrimento que ele vive não apenas por ser uma vítima do mal, mas, também, fruto da sua liberdade de escolha,

[...] a fé observa que o mal e o sofrimento que afetam a condição histórica dos seres humanos também têm, e mesmo em grande parte, sua *fonte no coração dos seres humanos*, nos seus reflexos egoístas, no seu apetite pelo prazer e pelo poder, na sua silenciosa cumplicidade com o mal, em sua covarde capitulação diante do mal, em sua terrível dureza de coração (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.12).

Mas, também, já se é perceptível desde o Antigo Testamento que, o sofrimento não pode ser sempre associado como castigo ou punição. O sofrimento pode ser visto não apenas pelo seu lado negativo como limitação ou falta, O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, 'destinado' a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo.

O homem sofre a dor da alma e do corpo, "A enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana. Na doença, o homem experimenta sua impotência, seus limites e sua finitude. Toda doença pode nos fazer entrever a morte" (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA n.1500).

Por isso o sofrimento possui algumas características muito caras à teologia "[...] nos sofrimentos infligidos por Deus ao povo eleito está o convite da sua misericórdia, que corrige para levar à conversão (JOÃO PAULO II, 2009, n.2)". O sofrimento pode ser um caminho essencial de crescimento, o ser humano é o único ser que sofre e sabe que sofre. A única criatura capaz de reconhecer o maior dos perigos: a morte e o mistério que a envolve, assim como, possui a maior das riquezas, saber que é chamado à imortalidade. O sofrimento tem caráter de prova, onde o ser humano corre o risco de ser aprovado ou reprovado. Enquanto espera pela concretização da sua esperança, ele vive marcado pela fé e pelo sofrimento, "O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem, poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bemdo qual não participa, da qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou" (JOÃO PAULO II, 2009, n.7).

2.7 A FIDELIDADE DE DEUS

As conseqüências do pecado são reais na vida do homem, ele se afastou de Deus, mas Deus na sua infinita bondade e fidelidade não o desampara. O pecado não poderia surpreender a Deus nem destruir radicalmente o Seu plano para o mundo, o homem e as coisas criadas,

Por decisão inteiramente livre e insondável e sua bondade e sabedoria, o eterno Pai criou o mundo, decidiu elevar os homens à participação da sua vida divina e não os abandonou quando pecaram em Adão; antes, proporcionou-lhes sempre auxílios necessários para se salvarem, na perspectiva de Cristo Redentor, 'que é a imagem do Deus invisível, o primogênito de todas as criaturas' (CI 1,15) (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 2014, n.2).

Apesar das más escolhas e inclinações do homem para o mal por causa do pecado, ele possui um altíssimo valor, pois, ele é o único ser que possui a imagem de Deus, recebe os mais elevados dons e é sustentado pelo próprio Deus desde o início "Assim, para a fé cristã, o valor da natureza humana criada é garantido desde o princípio pelo Próprio Deus e é indestrutível" (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.13). A Sua fidelidade à humanidade revela uma das mais singulares características de Deus no modo de se relacionar com a humanidade, "Mas a iniciativa divina de se aproximar com amor da humanidade pecadora é uma característica contínua do modo de Deus nos tratar, antes e dentro da história, e é pressuposição fundamental da doutrina da redenção" (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.13).

2.8 AS PROFECIAS À RESPEITO DO REDENTOR

Desde as primeiras páginas do Antigo Testamento podemos notar por um lado, as transgressões da humanidade e, por outro a fidelidade constante de Deus. Ele mesmo toma a iniciativa de cuidar e firmar uma Aliança com o seu povo. Adão não foi abandonado, em Noé Deus renova Sua Aliança, "Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo" (Gn 6,18). Depois do dilúvio Deus revela sua aliança não apenas com Noé, mas também com seus descendentes, "Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os seus descendentes depois de vós". (Gn 9,9).

A Abraão Deus fez a promessa de uma terra e que faria a partir dele um grande povo, “Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei seu nome; sê uma bênção!”. (Gn 12,2). Depois que foi provado, ele é abençoado novamente “eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porta de seus inimigos”. (Gn 22,17).

No sonho de Jacó Deus revela a ele Sua bondade e fidelidade, “Tua descendência se tornará numerosa como a poeira do solo; [...] não te abandonarei enquanto não tiver realizado o que te prometi” (Gn 28,14-15). Deus sempre suscitou grandes homens para cuidar e conduzir o Seu povo, “lahweh teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis”. (Dt 18,15). O Profeta não fala suas próprias palavras, mas as do Senhor, “Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos teus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhe ordenar”. (Dt 18, 18).

Em contrapartida a Aliança o Senhor sempre pediu ao povo que fosse fiel a Ele, que abandonassem os maus caminhos e se convertessem, “Ouve, ó Israel, lahweh nosso Deus é o único lahweh! Portanto, amarás a lahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força”. (Dt 6,4). A obediência à Aliança e a conversão são sempre recompensadas pelo amor de Deus,

e quando te converteres a lahweh teu Deus, obedecendo à sua voz, conforme tudo o que hoje te ordeno, tu e teus filhos, com todo o teu coração e com toda a tua alma, então lahweh teu Deus mudará a tua sorte para melhor e se compadecerá de ti, lahweh teu Deus voltará atrás e te reunirá de todos os povos entre os quais te havia dispersado. (Dt 30, 2-3).

Um esboço importante para se compreender a missão e a pessoa de Jesus pode ser relacionado à figura de Moisés, em Israel nunca mais surgiu um profeta como Moisés, a quem lahweh conhecia face a face, (cf; Dt 34,10) e falava como um amigo (cf; Ex 33,11). “No livro do Deuteronômio encontra-se uma promessa, que, sendo inteiramente diferente da esperança messiânica de outros livros do Antigo Testamento, é, no entanto, de significado decisivo para a compreensão da figura de Jesus. Não é prometido nem um rei de Israel e do mundo nem um novo Davi, mas um novo Moisés (RATZINGER, 2013, p. 21). Apesar da proximidade de Moisés com Deus, da sua amizade e relação com Ele, há ainda uma diferença significativa e muito importante em que se pode perceber a superioridade de Jesus em relação à Moisés. Moisés foi agraciado por falar face a face com Deus mas ele não vê Deus

face a face, quando o Senhor passa diante dele cobre o seu rosto porque o seu rosto ele não pode ver (cf; Ex 33,23). Somente Jesus pode falar ao Pai face a face, porque é o verdadeiro Filho “Ele vive diante do rosto de Deus, não apenas como amigo, mas como Filho; ele vive na mais íntima unidade com o Pai (RATZINGER, 2013, p.25)”. Somente Ele será capaz de instaurar a mais elevada Aliança entre Deus e a humanidade “Assim, a expectativa está por si mesma ligada a que o novo Moisés será mediador de uma aliança superior àquela que Moisés pôde trazer do Sinai (cf. Hb 9, 11-24) (RATZINGER, 2013, p.25)”.

Em linhas gerais todos os livros do Antigo Testamento mostram as constantes transgressões da humanidade e a constante fidelidade e proximidade de Deus. Jesus é a continuidade, a realização plena das profecias do Antigo Testamento, “Jesusmesmo relaciona com as predições dos Profetas, sua pessoa e sua obra [...]” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.10). Algumas características do Redentor são apresentadas no relato do abandono dos pastores de Israel, em que as ovelhas se perdem por falta de verdadeiros pastores. Deus resolve cuidar pessoalmente dos seus,

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. Como o pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em dia de nuvem e escuridão. Trá-las-ei dentre os povos, reuni-las-ei dentre as nações estrangeiras e reconduzi-las-ei para o seu solo, apascentando-as sobre os montes de Israel, nas margens irrigadas dos seus ribeiros e em todas as regiões habitadas da terra. Apascentá-las-ei em um bom pasto, sobre os altos montes de Israel terão as suas pastagens. Aí repousarão em bom pasto e encontrarão forragem rica sobre os montes de Israel. Eu mesmo apascentarei o meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso, oráculo do Senhor Iahweh. Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, pensarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida. Quanto à gorda e vigorosa, guardá-la-ei. Eu as apascentarei com justiça. (Ez, 34,11-16).

O livro de Jeremias apresenta, também, palavras de esperança sobre o Redentor que viria,

‘Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que concluirei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova. Não como a Aliança que concluí com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito – minha aliança que eles próprios romperam, embora eu fosse o seu Senhor, oráculo de Iahweh! Porque esta é a Aliança que concluirei com a casa de Israel depois desses dias, oráculo de Iahweh. Porei minha lei no fundo do seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei seu Deus e eles serão meu povo. Eles não terão mais que instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: “Conhececi a Iahweh!” Porque todos me

conhecerão, dos menores aos maiores, - oráculo de Iahweh – porque perdoarei sua culpa e não me lembrarei mais de seu pecado. (Jr 31,31-34).

O livro de Daniel demonstra a soberania e o poder daquele que viria onde tudo lhe estava submetido,

Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o poder, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno que jamais passará, e o seu reino jamais será destruído. (Dn 7,13-14).

As profecias a respeito do Salvador são também, visíveis em Isaías, “Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu Espírito, ele trará o direito as nações”. (Is 42,1). Este Livro descreve também algumas características próprias do Redentor, “Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires os olhos dos cegos, a fim de soltares dos cárceres os presos, e da prisão os que habitam nas trevas”. (Is 42,6-7). Este livro demonstra a capacidade e a atitude do Redentor, “Como pastor ele apascenta seu rebanho, com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço, conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam”. (Is 40,11). Todas essas características são assumidas pelo Senhor, elas falavam d’Ele e preparavam o seu caminho. Por isso a esperança no Salvador esteve sempre presente na vida do povo de Deus, de que Ele viria em socorro dos seus, “Exulta muito, filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado sobre o jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta. (Zc 9,9).

2.9 A ENCARNAÇÃO DO VERBO

A fé cristã é pautada na Pessoa de Jesus, no que Ele disse e realizou para nossa salvação. Um dos pontos centrais para o desencadeamento de tudo isso é a Encarnação do Verbo. Ela é o modo mais perfeito de encontro da humanidade com Deus, pois, em Cristo está a união perfeita da humanidade e da divindade, que revela ao homem quem é Deus, “Sem dúvida a aparição de Jesus supôs um acontecimento de tal magnitude, que sua presença viva constitui-se para a experiência original na figura real e palpável da revelação de Deus. A palavra

aparecia sustentada e transcendida pela encarnação. Ele foi mestre e revelador com a doutrina, mas também com as obras e com a vida inteira” (QUEIRUGA, 1995, p.34).

Em Jesus está verdadeiramente a presença do Divino e a presença da verdadeira humanidade. Da parte de Deus, Ele se rebaixa e vem conviver com os homens, como humano Ele atrai para Sí a humanidade e deve elevá-la a Deus. Também a Encarnação é fruto da bondade, da gratuidade e do amor eterno de Deus, “Deus amou o mundo que lhe deu seu único Filho, a fim de que, tendo-se o Verbo eterno feito homem, o homem pudesse realmente ser adotado, divinizado por esse” (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.357). Mas essa ação por meio de Deus não era verdadeiramente necessária,

A Encarnação do Logos não era absolutamente necessária, [...] podia Deus, na sua sabedoria e poder, usar outros meios para nos salvar. Mas se admitimos que Ele nos queria remir de modo mais perfeito, isto é, manifestando ao máximo as suas perfeições e, ao mesmo tempo fundando a nossa salvação na maneira mais eficaz, a Encarnação era o meio de redenção mais oportuno e conveniente. Na hipótese de que Deus quisesse uma satisfação adequada à ofensa feita com o pecado, a Encarnação era absolutamente necessária, de fato, somente um Homem-Deus disso era capaz (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.15).

Depois de realizada a preparação da humanidade é chegada à plenitude dos tempos², Deus se fez carne e habitou entre nós. Ele é a Revelação verdadeira de Deus, nada de novo dever ser esperado a não ser que esteja relacionado com Cristo e com o que Ele ensinou,

[...] Cristo é a realização da Revelação e afirmando-se que a Revelação por Ele sintetizada é a última e mais perfeita que os homens podem receber e que, por conseguinte, tem valor e duração imutáveis. Afirma-se assim o caráter absoluto, a indefetibilidade e a imutabilidade da Revelação (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.26).

O encontro do divino e do humano em uma só Pessoa representa também um encontro da eternidade com o temporal, Deus se fez carne e habitou entre nós, (cf; Jo 1,14). A História humana e divina se encontram e formam uma só, de modo especial com a Encarnação do Verbo, Deus entra no mundo. Esse rebaixamento de

² “Esta expressão designa a chegada dos tempos messiânicos, ou escatológicos, que levam a termo a longa espera dos séculos, como medida finalmente plena”. (Rodapé) da Bíblia de Jerusalém, p.2034.

Deus é para elevar o homem, o resgatar e o tornar filho no Filho, o homem recebe em si mesmo a vida divina,

Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4)(CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II.1997, n.2)

Olhando para a História e para a pedagogia divina que nela se desenvolve, somos capazes de perceber os desígnios divinos que conduz o mundo e a humanidade com o seu poder e a sua eterna sabedoria. O cume dessa história é Cristo, o parâmetro e a mola propulsora da História. Para Ele os homens caminham, “A queda do primeiro homem foi permitida nos desígnios divinos somente em função da Redenção e em previsão o do plano da salvação. E, vindo o Cristo, a humanidade tem um único objetivo: crescer até à plenitude da sua estatura” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.6).

3. O SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO DE CRISTO

Toda a vida de Cristo foi uma doação e entrega no amor ao Pai e aos irmãos. Por ser Ele verdadeiro Filho de Deus e verdadeiro homem, imagem do Deus invisível e imagem do verdadeiro homem, Cristo era o único capaz de restaurar a verdadeira amizade entre Deus e os homens. Sendo Deus, viveu realmente como homem, menos no pecado. Anunciou, proclamou e cumpriu as Obras que revelam a presença do Reino de Deus entre os homens. Para isso, realizou o perdão dos pecados, vencendo o mal e a morte que afligem a humanidade pela Sua Paixão, Morte e Ressurreição, onde foi exaltado na cruz. Redimiou toda humanidade oferecendo Sua Graça e reconciliação por meio do Seu Espírito Santificador.

3.1 O AMOR DO PAI E DO FILHO AOS HOMENS

Parece que, todas as ações de Deus podem ser relacionadas a partir daquela definição que João deu de Deus como amor (cf; 1Jo 4,8). As manifestações e intervenções divinas na História através de Jesus revelam de modo especial a proximidade e quem Deus é, Jesus é o rosto misericordioso do Pai. Deus permanece constantemente fiel a si mesmo e, portanto, fiel ao Seu amor,

[...] a fidelidade de Deus manifesta-se no seu amor que o leva a enviar seu filho ao mundo. O sim de Deus ao mundo em Cristo é o que leva à consumação de seu plano em seu Filho Jesus. Neste sentido, a presença constante de Deus no mundo é também mediada por Cristo e tende à realização de sua obra salvífica (LADARIA, 1998, p.41).

Ao falarmos da ação de Deus na História e do Seu encontro com o homem, faz-se necessário ter o entendimento que “Jesus Cristo é, com efeito, o revelador do Pai. Quando, na teologia cristã se fala de revelação, é Deus que se dá a conhecer (LADARIA, 1998, p.11)”. Já que todo ser humano foi criado por Cristo e para Cristo e para Ele está orientado, podemos perceber que “Sob este ponto de vista Adão não é nem um vértice, nem um centro, mas um esboço, uma figura, uma preparação orientada para o futuro (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.9)”. É Jesus que realiza nossa salvação e possibilita que a vontade de Deus se realize entre nós, Ele ilumina e dá sentido a toda História humana, “Fomos, portanto, salvos no tempo, mas depois de um desígnio eterno. Por isso o ato redentor do Homem-Deus adquire também um

valor retroativo: Cristo é o ‘cordeiro que foi imolado desde a criação do mundo’ (Ap 13,8). (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.9).

O pressuposto essencial do agir de Deus é o próprio amor que Ele vive eternamente na Sua relação intra-Trinitária onde suas obras manifestam e revelam esse amor livre e gratuito. Ele vem em nosso socorro, a Sua presença é revelação de um amor totalmente salvífico e redentor, “Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele”. (Jo, 3,16-17). O amor de Deus O leva a enviar e dar Seu Filho ao mundo. A missão do Filho, a Obra que Ele deve realizar é o Seu rebaixamento para elevar a humanidade decaída, a sua Obra se identifica e consiste em fazer a vontade do Pai e dar a sua vida em resgate *pro multis*³.

Cristo revela constantemente esse amor durante todas as ações da sua vida, Ele não está apenas cumprindo uma tarefa, Ele cumpre a missão Própria e única do Filho. O mundo e tudo o que foi criado por meio d’Ele lhe é submetido. (cf; Cl 1,15ss). Ele é o amor de Deus presente na História, capaz de transformá-la completamente por dentro. Toda a vida de Jesus é manifestação e revelação do amor que salva a humanidade, por isso Jesus amou sempre,

Sim, ele era amor, e o seu amor era o pleno cumprimento da lei. “Ninguém pôde convencê-lo de pecado”, nem mesmo a lei, que de tudo sabe junto com a consciência; “mentira nenhuma foi achada em sua boca”, mas tudo nele era verdade; não havia no seu amor nem a distância de um instante, nem a de um sentimento, nem a de uma intenção, entre a exigência da lei e o seu pleno cumprimento; Ele não dizia não como aquele primeiro irmão, e nem sim como o segundo irmão, pois “seu alimento era fazer a vontade do Pai”; deste modo ele era um com o Pai, unido com a exigência da lei, de modo que o pleno cumprimento da lei constituía seu anseio, a única necessidade indispensável para a sua vida. O amor nele era pura ação; não havia nenhum instante, nem um único em sua vida, em que o seu amor fosse somente a inatividade de um sentimento que procura por palavras enquanto deixa o tempo correr, ou um estado de ânimo que é a sua própria gratificação, demorando junto a si mesmo enquanto não aparece uma tarefa, não, seu amor era todo ele ação; até mesmo quando chorava não estava enchendo o tempo, pois embora Jerusalém desconhecesse o que lhe traria a paz, ele o sabia; e se os que se entristeciam junto ao túmulo de Lázaro não sabiam o que iria acontecer, ele sabia, entretanto, o que iria fazer. Seu amor estava todo presente nas coisas ínfimas e nas maiores, ele não se concentrava com mais força nos grandes momentos particulares, como se a lei nada exigisse das horas da vida cotidiana; ele estava igualmente presente a cada instante, não foi maior quando expirou na cruz do que quando se deixou nascer; era o mesmo amor que dizia: “Maria

³ Este termo latino abarca uma compreensão que pode ser entendida tanto ‘por muitos’ e/ou ‘por todos’.

escolheu a melhor parte”; e o mesmo amor que com um olhar castigava Pedro, era o mesmo amor quando ele recebeu os discípulos que retornavam alegres após terem realizado ações maravilhosas em seu nome, e o mesmo amor quando os encontrou dormindo. [...] (KIERKEGAARD, 2012. p123).

3.2 DA CONVENIÊNCIA DA REDENÇÃO

Toda a humanidade e de modo mais concreto, toda pessoa que existe e já existiu ou que ainda existirá não são capazes de por suas próprias forças conquistar uma libertação, uma salvação frente à morte e, deste modo, uma autoredenção,

“[...] a natureza humana caída não era por si só capaz de restaurar seu relacionamento rompido com Deus e voltar a ter amizade com Ele. Portanto, um verdadeiro Redentor deveria ser divino (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.55).

Portanto, em relação aos homens a Redenção era realmente necessária,

“A Redenção, para os homens, era de tal modo necessária, que sem ela estaríamos irremediavelmente perdidos: nem uma redenção pessoal, nem uma redenção da parte de uma natureza angélica, teria sido capaz de os conduzir ao seu eterno destino” (BARTMANN, Vol.II, 1962, p.12).

Jesus é o único que possui essa capacidade, Ele tem em si as duas naturezas: humana e divina, por isso, somente Ele pode falar e se relacionar de modo pleno com Deus e com os homens. Esses aspectos são centrais para entendermos a Pessoa de Jesus, os seus atos e propriamente a Redenção que Ele realiza:

Assim, a redenção é um processo que envolve tanto a divindade quanto a humanidade de Cristo. Se ele não fosse divino, não poderia pronunciar o julgamento de perdão efetivo de Deus, nem poderia ter parte na vida Trinitária interior de Deus. Mas se não fosse homem, Jesus Cristo não poderia fazer a reparação em nome da humanidade pelos pecados cometidos por Adão e seus descendentes (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.55-56).

A salvação do homem é dom gratuito da parte de Deus oferecida a humanidade, uma ação livre e misericordiosa. Sem este socorro da parte de Deus a humanidade estaria perdida,

Não há uma base sólida para se minimizar os efeitos insidiosos do pecado e a incapacidade da humanidade para se redimir a si própria. A humanidade não é redimida, nem Deus é apropriadamente glorificado, a não ser pela ação misericordiosa de Deus em Jesus Cristo (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.52).

A grandeza do homem é de ser dotado de sabedoria, marcado por uma profunda liberdade, para que livremente escolha o Bem e busque o Senhor.

3.3 A VIDA DO REDENTOR

Ao descrever a vida de Jesus, os relatos bíblicos – de modo especial os Evangelhos - mostram que a divindade de Jesus sempre foi questionada, quem afinal Ele era. No tempo de Jesus ficara sempre no ar a dúvida se deveriam esperar outro, ou se seria Ele o Salvador. Diante de tais questionamentos, se torna claro que uma interpretação autêntica sobre quem é Jesus não pode ser feita a partir de um recorte da Palavra ou uma situação específica da Sua vida. Certamente, nada deve ser deixado de lado ou esquecido. Parece que uma real interpretação de quem é Jesus deve ser vista a partir da totalidade da sua obra, das suas Palavras e ações e, desse modo, tudo o que Ele fez e, também, tudo o que a seu respeito fora escrito e reconhecido pela Igreja como Palavra de Deus,

E Já no final do período neotestamentário, os próprios escritos apostólicos vão-se constituindo em *corpus*, nascendo daí a clara consciência de que também eles são Escritura Sagrada, de que sua palavra é revelada (QUEIRUGA, 1995, p.35).

A doutrina que a Tradição desenvolveu, foi para esclarecer quem de fato era Jesus, combatendo as heresias que se levantavam. Nesse sentido, já fica evidente a nossa escolha – o Jesus que fora sempre questionado e que ainda hoje continua a ser – é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, sem confusão. Jesus se identifica com Aquele Redentor que fora sempre esperado, descrito no Antigo Testamento,

O Antigo Testamento fala d'Ele; e vice-versa, Ele age e vive na Palavra de Deus e não segundo programas e desejos próprios. A sua pretensão baseia-se na obediência à ordem do Pai. O seu caminho situa-se no âmbito da Palavra de Deus. [...] Jesus não Se apoia na violência, não começa com uma insurreição militar contra Roma. O seu poder é de caráter diferente; é na pobreza de Deus, na paz de Deus que Ele individualiza o único poder salvador (RATZINGER, 2013, p.18).

Os relatos bíblicos evidenciam sempre a autoridade de Jesus em todas as situações, assim como a sua capacidade de ser o verdadeiro intérprete da Lei e dos Profetas. É pela Sua sabedoria que Ele é capaz de interpretar e também ensinar, por isso é verdadeiro Mestre, “Ele não é um Profeta particularmente iluminado em Israel, mas é a Verdade em pessoa, tornada visível, sendo o Logos encarnado e supremo depositário de toda sabedoria” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.114).

Na teologia falamos da continuidade e descontinuidade que Jesus dá ao Antigo Testamento, “Jesus confirma e faz tudo o que antes dele foi revelado no Antigo Testamento” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.115). Ele não abole a Lei, mas dá a ela o seu pleno significado e cumprimento, pratica a Lei e é o seu verdadeiro intérprete

Não penseis que eu vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado” (Mt 5, 17-18).

Muitas vezes Ele esclareceu e denunciou os abusos que eram feitos em nome da Lei; quando foi questionado, respondeu com sabedoria,

[...] Quem haverá dentre vós que, tendo uma só ovelha e caindo ela em uma cova em dia de sábado, não vai apanhá-la e tirá-la Dalí? Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, é lícito fazer o bem aos sábados” (Mt, 12, 11-12).

Apesar das polêmicas em torno da Lei, Ele não se contradiz nem a desrespeita, ao contrário, Sua alegria consiste em fazer a vontade do Pai, “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo, 4,34). Jesus mostra a Sua verdadeira relação com a Lei, “Vós perscrutais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna; ora, são elas que dão testemunho de mim” (Jo 5,39).

Diretamente relacionado à vida de Jesus e a Lei está o Templo, tanto que Ele foi apresentado pelos seus pais no Templo e quando nos referimos a esse evento, Simeão que O apresenta, fez a Seu respeito uma importante profecia, “Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição” (Lc, 2,34). A relação de Jesus com o Templo é vista desde sua infância até os últimos momentos da Sua vida, o Templo era local especial da presença e do encontro com Deus, Jesus tinha uma relação íntima com

ele, mas fez também alusões sobre a destruição do Templo edificado por mãos humanas o relacionando com o cumprimento da Sua missão,

Jesus amara o templo como propriedade do Pai (cf; Lc 2,49) e Se deleitara ensinar ali. Defendera-o como casa de oração para todas as nações e tinha procurado prepará-lo para tal fim. Mas sabia também que o período desse templo terminara e que algo de novo chegaria, relacionado com a sua morte e ressurreição (RATZINGER,2013, p.44).

Desde o Antigo Testamento se vê a grande importância do espaço reservado onde se presta o culto a Deus, as orações, os louvores, as súplicas, os sacrifícios de expiação e a reconciliação com Deus, o Templo era o local de encontro com Deus,

Não se encontra Deus em qualquer lugar, mas somente num lugar santo. Também nesse lugar trata-se de separação. O lugar santo é um espaço reservado ao culto, interdito ao público. Para entrar no lugar santo, o sacerdote deve se submeter a um ritual que lhe prescreve o cumprimento de cerimônias sagradas em tempos sagrados; a mais significativa dessas cerimônias é o sacrifício (VANHOYE, 1983, p.17).

Jesus demonstra ao longo da Sua vida um profundo zelo pelo Templo “Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio” (Jo 2,16). Denunciando os abusos e a falsidade humana fez alusão a um templo novo, “Respondeu-lhes Jesus: “Destruí este santuário, e em três dias eu o levantarei”. (Jo 2,19). Jesus sabia que através da Sua missão inauguraria um novo tempo de relação entre Deus e os homens, “Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura” (Jo 4,23). Contra os exageros da Lei e do Templo Jesus denunciou aquilo que era contrário a finalidade de ambos: como a exploração, a falsidade, a injustiça e que, invés de gerarem vida, geravam morte. Jesus mostra que não basta apenas cumprir os ritos de modo exterior, pois Deus conhece o coração do homem, Ele que sabe e que revela como o homem deve agir, “Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores”. (Mt 9,13).

3.4 JESUS SACERDOTE

Jesus é o verdadeiro sacerdote e vítima. Somente Ele podia se oferecer a Deus e a humanidade para a reparação e salvação do mundo. É próprio da natureza

humana buscar algo que a supere, o ser humano tem sede de eternidade e busca pelo transcendente. Ele não se relaciona apenas com o mundo e com as coisas, mas também com o mais sublime, “O homem é um ser chamado a entrar em relação com Deus. E nada é mais importante para ele do que a resposta que ele dá a essa vocação” (VANHOYE, 1983, p.15). O sacerdócio é um modo eloqüente de demonstrar que o ser humano é um ser relacional e que essa característica é fundamental para o seu desenvolvimento onde as suas experiências se tornam marcantes e positivas. “Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver suas qualidades sem entrar em relação com os outros” (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 2000, n 12).

A tradição do Antigo Testamento mostra que nem todos os homens estavam preparados ou em condição para se comunicarem com Deus. O povo tinha consciência da sua fraqueza e, portanto, da distância que havia entre eles e Deus, devido à sua fragilidade e más escolhas. Para essa relação, alguns eram escolhidos e deviam passar por uma transformação, uma consagração,

Parte-se da ideia que o povo não tem a santidade exigida para se aproximar de Deus. Se tentasse, pereceria, (cf. Ex 19,12;33,3). Assim, coloca-se à parte uma tribo, que se consagra ao serviço de Deus; nessa tribo, separa-se uma família, que tem uma consagração especial; nessa família escolhe-se então o sacerdote, encarregado de assegurar as boas relações entre Deus e o povo. O sacerdote é separado do mundo terreno por meio de uma consagração que o transporta para a esfera do sagrado (VANHOYE, 1983, p.16).

O sacerdote é tirado do povo para se consagrar a Deus, para que depois ele esteja a serviço desse mesmo povo e de Deus,

O sacerdote é separado do povo para ser reservado ao culto; deixa o espaço profano para entrar no lugar santo; abandona as atividades profanas para cumprir as cerimônias sagradas; suas oferendas sacrificais separam-se da vida terrena para ascender junto a Deus (VANHOYE, 1983, p.17).

Os sacerdotes são, portanto, escolhidos pelo Próprio Deus para esse encargo, “A função do mediano, de reunir Deus ao homem, de dar a graça e a reconciliação, o sacerdote não o pode assumir por si, é preciso que seja chamado por Deus” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.119). Eles são, verdadeiramente, diante de Deus, um representante dos homens e diante dos homens, um representante de Deus,

O sacerdote com efeito, é um homem que tem a responsabilidade social das relações com Deus. Ele está a serviço do grupo em seu conjunto – e, conseqüentemente, a serviço de cada membro do grupo – em tudo o que se

refere à relação com Deus. Em outras palavras, o sacerdote tem um papel de mediador (VANHOYE, 1983, p.15).

O Antigo Testamento nos mostra as variadas atribuições do sacerdote,

[...] dos sacrifícios rituais (Lv1-9;16) ao controle sanitário (Lv13-14) passando pela leitura da sorte (Dt 38,8; 1Sm 14,36-42; 23;9-12; etc.), certas atribuições jurídicas (por exemplo, Nm 5,11-31), o ensinamento das decisões divinas (Dt 33,9-10;31,9-26) e a distribuição de bênçãos (Nm 6,22-27; Eclo 45,15). Essas atribuições, aliás, assumiram diversas formas ao longo dos séculos (VANHOYE, 1983, p.14).

A carta ao hebreus apresenta Jesus como o verdadeiro e único sacerdote, “Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos, para ser, em relação a Deus, Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, para expiar assim os pecados do povo. Pois, tendo eles mesmo passado pela prova, é capaz de socorrer os que são provados (Hb 2, 17-18). Jesus não era sacerdote segundo a sucessão tradicional da época,

Estava muito claro que Jesus não era sacerdote segundo a Lei judaica. Com efeito, ele não pertencia a uma família de sacerdote ou sumo sacerdotes, nem mesmo à tribo selecionada para o serviço do culto. Na série ascendente das separações rituais, ele se encontrava no degrau mais baixo, o do povo (VANHOYE, 1983, p.19).

Jesus é verdadeiro sacerdote e vítima, pois oferece ao Pai os pecados da humanidade. É o sacrifício perfeito. Tornou-se o Templo verdadeiro onde jorra água viva para a eternidade e assim, ofereceu o verdadeiro sacrifício onde traduziu a mensagem da Lei em uma linguagem viva e real. Na sua vida terrena Jesus foi sempre Sacerdote, pois se ofereceu constantemente à humanidade e à Deus, “Jesus não fala formalmente da sua qualidade de Sacerdote, mas exerce-lhe a função com a oração e o sacrifício durante toda a sua vida e particularmente com o dom de si mesmo, para a morte de cruz” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.120).

3.5 A MORTE DE JESUS

Muitas imagens são apresentadas a respeito de Jesus nos relatos bíblicos e ao longo da Tradição como modos de retratar a importância e os significados que Ele possui para toda História. Uma, certamente muito significativa, é que, “Jesus identifica-Se com a criança; Ele mesmo se fez pequeno. Como Filho, nada fez por Si mesmo, mas age totalmente a partir do Pai e para o Pai” (RATZINGER, 2013, p.22). Ele não se apresentava como um Rei desse mundo e revelava assim a sua única e

verdadeira realeza, “[...] Ele é um rei que quebra os arcos de guerra, um rei da paz, e um rei da simplicidade, um rei dos pobres” (RATZINGER, 2013, p.11).

O domínio de Cristo é universal, mas Ele revela o Seu poder através da sua humildade e do Seu serviço em favor da humanidade, “Com um ato simbólico, Jesus ilustra o conjunto do seu serviço salvífico. Despoja-Se do seu esplendor divino, ajoelha-Se por assim dizer diante de nós, lava e enxuga os nossos pés sujos, para nos tornar capazes de participar do banquete nupcial de Deus” (RATZINGER, 2013, p.62). Ao longo da Sua vida, a medida em que ia crescendo Ele foi tomando consciência da sua missão e que através da Sua morte reconciliaria a humanidade com Deus. O momento decisivo e certamente mais difícil é o caminho da cruz, Jesus sabe que chegou a Sua hora, dEle revelar à humanidade as maravilhas de Deus. Jesus mantinha-Se constantemente em relação com o Pai, rezava sem cessar para enfrentar os desafios e as tentações e assim, realizar plenamente a vontade do Pai. Mantinha-se constantemente em plena unidade com o Pai, confiava n’Ele e se colocava totalmente a Seu serviço,

A capacidade de entrega é o princípio de toda realização e de toda posse amorosa. A obra deve ser realizada, ainda que para isso eu tenha de perecer! Tu deves viver, mesmo que isso me custe a vida! A grande arte não foi alcançada de outro modo (BALTHASAR, 2016, p.11).

Jesus sabe da importância que esse ato tem para a História e a vida de todo homem,

Toda a carreira de Jesus, inclusive os mistérios de sua vida pública e privada, é redentora, mas atinge a culminação no mistério pascal, por meio do qual Jesus, pela sua submissão amorosa à vontade do Pai, estabelece uma nova relação de aliança entre Deus e a humanidade (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.52-53).

Ciente da Sua capacidade e do Seu amor Ele deve vencer o antigo inimigo, a maldade e o pecado que acompanham a humanidade ao longo da História,

O homem “perece” quando perde “a vida eterna” [...] O Filho unigênito foi dado à humanidade para proteger o homem, antes de mais nada, deste mal definitivo e do sofrimento definitivo. Na sua missão salvífica, portanto, o Filho deve atingir o mal nas suas próprias raízes transcendentais, a partir das quais se desenvolve na história do homem. Estas raízes transcendentais do mal estão apegadas ao pecado e à morte: elas estão, de fato, na base da perda da vida eterna. A missão do unigênito consiste em vencer o pecado e a morte. E ele vence o pecado com a sua obediência até

à morte, e vence a morte com a sua ressurreição (JOÃO PAULO II, 2009, n 14).

O sacrifício de Cristo não é a exigência de um pai irado que precisa de sofrimento, sangue e dor para se reconciliar. Ele demonstra a verdadeira obra de misericórdia de Deus em favor da humanidade, onde o Filho se doa para redimir o humano,

O caminho de Jesus de Nazaré indica que a livre entrega de si mesmo aos desígnios de Deus, seja qual for o custo, traz glória para nós e também para Deus. A morte de Jesus não é o ato de um Deus impiedoso que exige o sacrifício supremo; não é um “resgate” pago a alguma potência alienadora que nos escravizou. É o momento e o lugar em que um Deus que é amor e que nos ama torna-se visível. Jesus crucificado conta o quanto Deus nos ama e afirma que, nesse gesto de amor, um ser humano demonstrou sua concordância incondicional com a vontade de Deus (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.28-29).

Ele foi submetido à morte, mas ela não teve sobre Ele a última palavra. Com esse acontecimento Jesus vence o maior e intransponível obstáculo humano,

A sua cruz e a sua elevação constituem o dia da Expição do mundo, no qual a história inteira do mundo, contra toda a culpa humana e todas as suas destruições, encontra seu sentido, é introduzida na sua verdadeira finalidade e destino (RATZINGER, 2013, p.81).

Esse era o momento esperado desde o princípio, o da reconciliação entre Deus e os homens,

A redenção não se inicia com Jesus Cristo; ao contrário, nele ela chega à sua consumação. Em Jesus Cristo se revela de maneira nova a ação redentora de Deus. Nele a redenção se torna visível na mensagem de proximidade de Deus, na cura dos enfermos, e na expulsão dos demônios (GRÜN, 2012, p.20).

A Tradição Cristã Católica nos mostra que a morte de Jesus está relacionada primordialmente com o amor de Deus que dá Seu Filho ao mundo para libertar o homem do pecado e da morte. Jesus foi submetido à morte, mas podemos falar também de uma auto entrega amorosa como sacrifício redentor em favor da humanidade e essa é, certamente, uma das principais causas.

Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai (Jo 10,17-18).

A morte de Jesus foi muitas vezes, interpretada como uma conseqüência arquitetada pelas autoridades políticas e religiosas da época, que viram n'Ele uma

ameaça ao seu poder. Jesus fez contra eles várias denúncias: as injustiças, os abusos, as explorações que cometiam. Embora essa questão tenha certamente contribuído para a condenação de Jesus, não pode ser interpretada como causa principal,

A morte de Jesus que resulta inevitavelmente de sua oposição ao pecado humano, constitui o seu ato supremo de auto-entrega sacrificial e, neste aspecto, é agradável ao Pai e proporciona uma satisfação notável para a doença do pecado. Sem ser pessoalmente culpado nem punido pelos pecados de outros, Jesus amorosamente se identifica-se com a humanidade pecadora e experimenta a dor de sua alienação de Deus. Em sua humildade, Jesus permite que seus inimigos descarreguem seu ressentimento sobre ele. Dando amor em troca de ódio, e consentindo em sofrer como se fosse culpado, Jesus torna presente na história o amor misericordioso de Deus e abre uma cana pelo qual a graça redentora pode fluir para o mundo (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.53).

Já no Antigo Testamento o sangue tinha significado de vida,

Mas, ao contrário das repetidas ações dos sacerdotes da antiga aliança, o sangue de Jesus, o único meio de obter remissão e santificação, corre apenas uma vez, em um sacrifício oferecido de uma vez por todas (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.52-53).

O Sacrifício do Filho de Deus possui uma dimensão duradoura e de transformação da realidade,

O sangue de Jesus, que foi derramado por amor e não por fatalidade, passou a testemunhar que o sofrimento do homem é escutado e acolhido pelo Filho de Deus. Mais ainda, tal sofrimento tornou-se seu (CORBON, 2014, p.59).

A cruz sempre teve um lugar de destaque na teologia, pois foi por meio dela que o homem e toda a sua História pôde ser transformada por Cristo,

O Evangelho de Jesus crucificado demonstrou a solidariedade do amor de Deus com o sofrimento. Na pessoa de Jesus de Nazaré, esse amor salvador de Deus e de sua solidariedade para conosco recebe sua forma histórica e física. A crucificação, uma forma desprezível de morte, tornou-se Evangelho (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.29).

3.6 A RESSURREIÇÃO DE JESUS

A grande novidade da fé cristã está na vitória de Cristo sobre o pecado e a morte e, portanto, na Sua Ressurreição,

Somente se Jesus ressuscitou aconteceu algo verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem. Então Ele, Jesus torna-Se critério

no qual podemos fiar-nos; porque então Deus manifestou-Se verdadeiramente (RATZINGER,2013, p.218).

A última palavra da obra redentora que Cristo realiza não é a da cruz e sim, na sua vitória sobre a cruz,

A obra da redenção completa-se na vida ressuscitada do Salvador. Ao ressuscitar Jesus dos mortos, Deus o estabelece como fonte de vida para muitos. A ressurreição é o derramamento do amor criativo de Deus no espaço vazio criado pelo vácuo da auto-abnegação de Jesus.(COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL,1997, p. 53).

Esse acontecimento é a grande novidade da fé cristã. Uma realidade não apenas para os que conviveram com Jesus, mas um acontecimento que ilumina toda História,

A Ressurreição de Jesus não está no passado, caso contrário Ele não teria vencido a nossa morte. Efectivamente, a morte de Jesus, para além das circunstâncias históricas que passaram, é, por si mesma, a morte da morte. Ora, o acontecimento no qual a morte foi morta não pode pertencer ao passado, pois em tal caso a morte não estaria vencida. Na medida em que passa, o tempo é prisioneiro da morte; desde o momento em que dela se liberta, não passa mais (CORBON, 2014, p.39).

A vitória de Jesus significa a elevação do ser humano para uma vida nova, o homem é capaz novamente de comunhão, é vitória do bem, da vida, do amor e da misericórdia de Deus,

Jesus ressuscitado afirma a resposta misericordiosa de Deus a esse amor de auto-entrega. No final, o cristianismo olha para uma cruz vazia. A aceitação incondicional de Jesus de Nazaré em relação a tudo o que lhe foi pedido por seu Pai levou ao “sim” incondicional do Pai a tudo o que Jesus disse e fez. É a ressurreição que proclama que o caminho de Cristo é o caminho que vence o pecado e a morte em uma vida que não tem limites (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL,1997, p.31-32).

Desse modo, a Ressurreição é a grande esperança cristã e a verdadeira resposta de Deus que dá ao homem uma vida sem limites e revela assim o Seu poder salvador e Seu plano eterno de amor em criar e restaurar a obra criada, dando a ela continuamente a vida.

4. A IGREJA, CONTINUADORA DA OBRA REDENTORA

Jesus Cristo foi fiel ao Pai e realizou plenamente a sua missão. A Igreja, fiel ao Seu Senhor deve dar continuidade a obra redentora. A Igreja proclama a todo o tempo a vitória de Cristo sobre o mundo, o pecado e a morte. A vitória de Cristo já é certa, mas, ao mesmo tempo ela não está acabada, ela acontece a cada instante na história humana onde cada ser humano enfrenta a luta contra o pecado e a morte. A Igreja deve testemunhar o Senhor e assim como ele fez libertar o homem de todo tipo de escravidão. A Igreja também sabe que a vitória que ela alcança não é sua, mas de Cristo, ela é apenas instrumento, está a serviço de Deus e prepara a humanidade para o encontro definitivo com o Pai das misericórdias,

Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Paráclito, a obra de Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, não para julgar mas para salvar, não para ser servido mas para servir (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 2000, n 3).

4.1 A REDENÇÃO E A TRINDADE

Quando falamos da redenção, sabemos que ela é, com efeito, uma obra do Deus Uno e Trino. Mas, cada Pessoa realiza a missão que lhe é própria tendo em vista a íntima comunhão da Trindade,

Aquele que é fonte criadora de tudo o que existe é eternamente fonte no coração da Trindade. O Pai é a fonte do Verbo que Ele exprime e do sopro que Ele expira. Mas é fonte de comunhão: o seu Filho está todo 'voltado para' ele, oferecendo-lhe, em seu fulgor, tudo quanto existe e que é 'gerado' pelo Pai; o seu Espírito é todo d'Ele tornando a dar-lhe. No seu acolhimento, o dom que é Ele é e que 'procede' do Pai. Na comunhão da Trindade Santa, nenhuma Pessoa é designada por si mesma (CORBON, 2014, p.20).

Nos desígnios eternos da redenção e na sua realização efetiva na História do homem, se manifestam o amor e a salvação de Deus de acordo com as processões e o ofício próprio que cabe a cada Pessoa realizar,

Como uma obra *ad extra* de Deus, a redenção é atribuível a todas as três pessoas divinas, mas é atribuída a cada uma delas em diferentes aspectos. A iniciativa pela qual o Filho e o Espírito Santo são enviados ao mundo é atribuída ao Pai, a fonte original de quem fluem todas as bênçãos. O Filho, na medida em que se torna encarnado e morre na Cruz, produz a reversão pela qual somos transformados da inimizade para a amizade com Deus. O Espírito Santo, enviado para a mente e o coração dos fiéis, permiti-lhes

participar pessoalmente dos benefícios da ação redentora de Deus. Depois da Ascensão de Cristo, o Espírito Santo torna presentes os frutos da atividade redentora de Cristo na Igreja e por meio dela (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.56).

4.2 A IGREJA, ESPOSA DE CRISTO

Cristo se identifica com a Igreja que Ele instituiu e enviou,

A Igreja não nasceu porque alguns homens decidiram, um belo dia, unir-se em torno da mesma profissão de fé. Ao contrário, foi o Espírito de Jesus que suscitou a fé no coração dos discípulos e que os uniu ao Corpo de Cristo. Então nasceu a Igreja (CORBON, 2014, p.54).

No Pentecostes, quando os apóstolos e Maria reunidos em oração recebem os Espírito Santo, acolhem a fortaleza de Cristo e são capazes de testemunhar, “Nessa manhã de Pentecostes, o Espírito Santo acaba de dar à luz virginalmente o Corpo de Cristo, tecido com nossa humanidade: a Igreja” (CORBON, 2014, p.53).

Na última Ceia Jesus celebra com os seus discípulos a entrega amorosa que Ele faz da Sua vida e instaura um novo tempo, uma nova configuração sacerdotal e religiosa. Com esse ato o Senhor institui o sacerdócio e a Eucaristia e pede para seus discípulos continuarem a repartir o pão, para que Ele se torne força, salvação e libertação dos irmãos,

A Eucaristia que instituiu naquele momento será o ‘memorial’ de seu sacrifício. Jesus inclui os apóstolos em sua própria oferta e lhes pede que a perpetuem. Com isso, institui seus apóstolos sacerdotes da Nova Aliança: Por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade (Jo 17,19) (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 611).

Para que, assim, a Redenção continue se realizando.

Antes da sua ascensão aos céus, Cristo enviou a Sua Igreja para ser sal e luz do mundo, para ir em missão,

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos meus, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos! (Mt, 28,19-20).

A Igreja é instrumento de salvação, Corpo de Cristo, nela Ele está presente de modo admirável, atua nela, Sua esposa. A Igreja é fruto do amor redentor de Deus à humanidade, a missão da Igreja é como que estender a Sua Redenção no

tempo para que ela se concretize a cada instante no encontro de Deus com o homem,

Toda a vida da Igreja está imersa na Redenção e respira a Redenção. Para nos remir, Cristo veio do seio do Pai a este mundo; para nos remir, ofereceu-se a si mesmo na cruz, num ato de amor supremo pela humanidade. Deixando à sua Igreja o seu Corpo e o seu Sangue “em sua memória” e fazendo dela ministra da reconciliação, com o poder de perdoar os pecados (JOÃO PAULO II, 2006, n.3).

A Igreja desde a sua gênese tem a missão de testemunhar Jesus Ressuscitado, vivo e presente na comunidade e na vida de cada fiel. Não precisamos esperar por mais uma etapa da revelação divina. A verdadeira e completa revelação nos foi dada em Jesus Cristo e se encerrou com Ele e com o testemunho dos seus apóstolos,

A Revelação pública ou geral, encerrou-se com a morte do último Apóstolo, mas sua aplicação a cada fiel durará até o fim dos tempos. A Revelação é na Igreja como uma fonte de água viva da qual cada fiel deve aproximar-se para beber. A capacidade receptiva é determinada pela fé e pela sede de cada pessoa. Deus não oferece sua graça senão aqueles que tem sede e por isso Jesus Cristo os proclama bem-aventurados (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.28).

A Igreja está intimamente ligada aos desígnios eternos de salvação que Deus tem para a humanidade. O Concílio Vaticano II fez uma reflexão acerca da realidade da Igreja afirmando que ela foi fundada por Cristo nos últimos tempos; mas ela já é prefigurada desde a origem do mundo e preparada admiravelmente na História do povo de Israel e na antiga aliança. Fazem parte dela todos os justos, a começar por Adão, desde o justo Abel até o último eleito, serão finalmente congregados na Igreja universal junto do Pai (Cf; *Lumen Gentium* n. 2). Atestando diariamente o amor redentor de Deus, a Igreja tem por missão dar ao mundo um testemunho fiel e coerente de Cristo e proporcionar ao homem um encontro com Deus, por isso, ela é solidária e se coloca como instrumento de Deus e auxílio aos homens nas suas mais diversas necessidades,

A Igreja, que nasce do mistério da Redenção na Cruz de Cristo, tem o dever de procurar o encontro com o homem, de modo particular no caminho do seu sofrimento. É em tal encontro que o homem ‘se torna o caminho da Igreja’ e este é um dos caminhos mais importantes (JOÃO PAULO II, 2009, n 3).

O que ela testemunha é sempre a Boa Nova do Redentor, que continua vivo e Ressuscitado no seu Copo que é a Igreja, “Jesus Cristo é centro da comunidade

humana, pois continua a viver e operar na Igreja, que é seu corpo, sua plenitude [...]” (BARTMANN, Vol. II, 1962, p.6). Essa Boa nova de Cristo é, desde então, esperança para todas as pessoas que buscam e se deixam encontrar pela Boa notícia,

Por essa razão nós, como seres humanos, podemos ficar conhecendo quem é o Redentor, mas apenas dentro da comunidade da Igreja e por meio dela. Cristo não pode ser isolado da Igreja. Cristo é precisamente aquele que alimenta seu corpo Igreja e, assim, atrai a comunidade de fiéis para a obra de realização da redenção (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.58).

4.3 A REDENÇÃO NA LITURGIA E NOS SACRAMENTOS

A Igreja no seu ministério de servir a humanidade e a Deus, realiza a Redenção e salvação construído o Reino de Deus, de modo especial pelos sacramentos e pela Liturgia, “A Liturgia, com efeito, mediante a qual, especialmente no divino sacrifício da Eucaristia, se atua a obra da nossa redenção” (CONCÍLIO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium, 2013, n.2.). Tudo o que ela realiza e celebra é o que o Senhor fez por nós, nos deixando os sacramentos para edificação e salvação, “A participação sacramental é a maneira normal pela qual os indivíduos tornam-se membros do Corpo de Cristo e crescem em sua união com ele” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p.52). Os sacramentos aproximam a humanidade de Deus, torna seus membros filhos de Deus.

“Com sua morte e ressurreição, Cristo venceu o pecado e a morte, e nossa inserção nEle mediante o batismo é um acontecimento decisivo na história pessoal de cada cristão” (LADARIA, 1998, p.15). Recebem d’Ele no Batismo a força do Espírito Santo para enfrentarem as dificuldades da vida e vencerem assim como Cristo, cada obstáculo. Os Sacramentos são meios eficazes do encontro real da humanidade com o Redentor,

A Igreja recorda sempre a Redenção, não só cada ano, mas cada domingo, cada instante da sua vida – porque, na celebração dos sacramentos, ela está totalmente imersa neste dom sublime e único do amor de Deus que nos foi proporcionado em Cristo Redentor – [...]. Os sacramentos possibilitam e favorecem um crescimento da pessoa em todos os âmbitos, onde vai se tornando uma nova criatura, “A Redenção é uma renovação do

homem, segundo a imagem de Deus, conforme à qual fora criado (BARTMANN, Vol. I, 1962, p.420).

Na prática diária da Igreja, pelos seus Sacramentos e Liturgia, ela fortalece continuamente os seus filhos, “Pela liturgia que irriga o nosso mundo, a compaixão do Pai penetra então o sofrimento de cada ser humano” (CORBON, 2014, p.59). Pertencer a Igreja é viver em comunidade e comunhão procurando viver os ensinamentos do Senhor,

Ser cristão é ser Igreja; ser cristão é ter sido e continuar a ser transformado pessoalmente pela ação do Espírito. Mas exatamente, a dimensão eclesial é mediação para a realização pessoal. Na Igreja e através dela, Deus opera, em cada membro da Igreja, a salvação (TABORDA, 2001, p 31).

O Sacramento da penitência é um lugar especial onde a obra da Redenção continua a atuar no pecador arrependido,

O sacramento da penitência e da reconciliação permite um retorno santificador ao mistério do batismo e constitui a forma sacramental de reconciliação com Deus e a com a realidade de seu perdão, graças à redenção dada em Cristo (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL,1997,p 71).

4.4 O SER HUMANO, COLABORADOR DA REDENÇÃO

A Igreja está ciente da sua missão de revelar Cristo Redentor e vencedor da morte, de modo que a vida de cada pessoa possa ser iluminada pela Sua Graça, para que as pessoas encontrem realmente sentido para a existência. O ser humano é responsável pelas escolhas que faz, ele pode e deve sempre colaborar com Deus para que possa encontrar n’Ele sua plena realização.

A Igreja luta para que cada ser humano possa ser alcançado de modo profundo pela Graça redentora de Cristo. A cruz de Cristo remiu o pecado de toda a humanidade, de modo que não falta nada a Paixão de Cristo, “O sacrifício redentor de Cristo é único, realizado uma vez por todas. Não obstante, torna-se presente no sacrifício eucarístico da Igreja” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n 1545). A Igreja não cansa de propor Cristo para o homem, para que ele livremente busque e se deixe encontrar pelo Senhor, “Todo o curso da história humana e o coração de cada pessoa constituem o palco em que o drama da salvação e da vida de todos os seres humanos, e da graça e glória de Deus, tem sido encenado entre esses dois

Adãos” (JOÃO PAULO II, n. 15). O ser humano ao olhar para o Senhor pode encontrar em todos os momentos da sua vida uma esperança viva,

Como conseqüência da obra salvífica de Cristo, o homem passou a ter, durante a existência na Terra, *a esperança* da vida e da santidade eternas. E ainda que a vitória sobre o pecado e a morte, alcançada por Cristo com a sua Cruz e a sua Ressurreição, não suprima os sofrimentos temporais da vida humana, nem isente do sofrimento toda a dimensão histórica da existência humana, ela *projeta*, no entanto, sobre essa dimensão e sobre todos os sofrimentos, *uma luz nova*. É a luz do Evangelho, ou seja, da Boa nova (JOÃO PAULO II, n 15).

Jesus manifestou aos seus discípulos as exigências ao Seu seguimento, onde cada um deve suportar a sua cruz no dia a dia,

Quão dura será nossa morte dentro da morte de Jesus não é algo que nos cabe decidir; Deus pode escolher uma das possibilidades: ou aliviar nossa morte, em virtude da dureza da morte do seu Filho, ou permitir, por meio de sua graça, que compartilhem algo daquela dureza (BALTHASAR, 2016, p.16).

O convite de Jesus ao ser humano não é para conquistar o mundo e se enriquecer de bens. No fundo, a verdadeira conquista do humano é perder tudo, para depois, em uma grande virada, receber os frutos das sementes que espalhou, “Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá, mas o que perder sua vida por causa de mim, a encontrará”. (Mt 16,25).

Desde o primeiro homem a humanidade é convocada a fazer comunhão e manter a fidelidade a Deus. Deus não o criou para viver isolado, sozinho ele não se realiza, ele se perde. Desde o início a sua obediência ou desobediência traz efeitos positivos ou negativos não apenas para si, mas também para os outros. Quando ele vive o verdadeiro bem e se constrói, colabora também com os outros. Vencendo as forças do mal, denunciando as explorações, Jesus, com as suas obras e palavras, rompe as forças do egoísmo humano e o liberta de todas as prisões. Jesus é mestre em compaixão, em se aproximar dos pecadores e revelar a eles a misericórdia do Pai. Ele é servo humilde, Jesus lava os pés dos seus discípulos. Tudo o que ele fez e disse é uma grande lição para nós. Ele nos mostra que o verdadeiro amor a Deus se revela no cuidado com os irmãos. O homem é chamado a uma vocação sublime, e a colaborar com o seu crescimento,

A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis ‘deixar o homem entregue à sua própria decisão, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica

perfeição, aderindo a Ele (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, 2000 n 17).

O homem redimido é capaz de viver uma realidade e uma vida nova, quando ele dá abertura para a Graça de Deus que o sustenta e salva. Quando ele, também, com as suas forças luta contra o pecado e a morte, quando procura o Senhor de coração sincero, “Mas a redenção exige a conversão do ser humano, a disposição para reconhecer sua culpa. À confissão da culpa pessoal, Deus responde com o perdão dos pecados” (GRÜN, 2012, p.19).

Com a Sua Paixão, morte e Ressurreição, o Senhor estendeu aos seus discípulos a verdadeira libertação interior e a graça de cooperarem com Ele na Sua Obra de amor, impregnando o mundo com a Redenção,

Junto com a doutrina da singularidade da redenção que se deu por Jesus Cristo, o Livro Santo também afirma que a redenção deve ser gerada pelo anúncio e pela prática da fé por parte dos atuais discípulos. Nós não somos apenas *objetos* da redenção, mas igualmente *sujeitos* da redenção. Cristo agiu em nós, mas também nos achou dignos de levar sua ação redentora, sua ação salvadora e libertadora para todo o mundo por meio do nosso agir, a fim de que todos sejam cunhados cada vez mais pela redenção operada por Jesus Cristo (GRÜN, 2012, p.11).

Com o primeiro Adão toda a humanidade ficou marcada pela mancha do pecado, pelo segundo Adão a humanidade se tornou redimida e salva, capaz de comunhão. O ser humano não é apenas um campo onde bem e mal se enfrentam, ele que é o principal responsável pela sua ruína ou pelo seu crescimento, de acordo com as escolhas que faz, para onde ele dirige as suas forças e coloca a sua esperança. Nesse sentido, ele não deve temer as forças da morte, mas manter-se autêntico no seu caminho lutando contra o mal e o próprio egoísmo, “Só há um ser a quem o homem deve temer, é Deus; e só há um ser do qual o homem deve ter medo, é de si mesmo” (KIERKEGAARD, 2012, p 30).

O ser humano não é apenas conhecedor da Redenção, toda a vida humana é iluminada por esse evento e por ele pode ser totalmente transformada,

A redenção não é um evento que simplesmente acontece ao ser humano. Estamos ativamente envolvidos nela, por meio de nossa cabeça, Jesus Cristo. O sacrifício redentor de Cristo é o ápice da atividade cultural e moral da humanidade. É o único sacrifício meritório. A morte de Jesus Cristo é um sacrifício perfeito e um ato de adoração (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997,p.41).

4.5 A REDENÇÃO CAMINHA PARA A ESCATOLOGIA FINAL

A Igreja na sua missão diária enfrenta a luta contra o pecado, a morte e tudo o que infringe a dignidade da vida dos filhos de Deus, os sofrimentos, as dores e a miséria. Essa luta durará até o último dia na vida dos filhos de Deus, que esperam o encontro definitivo com o nosso único Redentor, e assim, alcançar a verdadeira paz e alegria, “Jesus é o evento escatológico na medida em que é o revelador do Pai e o único mediador que nos leva a Ele. A esperança cristã não tem outro objeto a não ser o próprio Deus, o futuro absoluto e definitivo do homem” (LADARIA, 1998, p134). Na escatologia cristã Cristo está no centro, para Ele todas as coisas se dirigem. A condenação eterna é pela liberdade e não adesão a Graça redentora oferecida por Deus em Cristo, um fechamento do coração,

Em sua relação com o destino final dos homens, a obra redentora de Cristo afeta todos os seres humanos, já que todos são chamados para a vida eterna. Ao derramar seu sangue na cruz, Cristo estabeleceu uma nova aliança, um regime de graça que é dirigido a toda a humanidade (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997,p 98).

O encontro definitivo com Deus é a realização da vocação humana. Esse encontro pode ser também, o momento da grande alegria do ser humano, ou ele pode descobrir que colocou tudo a perder diante de todas as oportunidades que Deus lhe ofereceu; ele não deu nenhuma chance. Não é Deus que o condena, esse encontro é o encontro da verdade consigo mesmo e com Deus, nada de obscuro e nada de oculto. Para uns ele será o momento tão esperado, para outros, uma perdição total, para os que não se deixaram impregnar pela Redenção. Todos, no entanto, descobrirão uma só coisa, “O encontro com Deus revela-se então como aquele momento no qual o ser humano descobre, de modo radical, a sua dependência inevitável de Deus” (BLANK, 2000, p 180).

Deus não pára de fluir Suas Graças por meio da Igreja e oferecer Seu socorro constante ao homem, por isso ela colabora de modo singular a preparação para o encontro escatológico,

Por intermédio de Cristo ressuscitado, agindo no Espírito Santo, o processo da redenção continua até o fim dos tempos, com novos indivíduos sendo, por assim dizer, “enxertados” no corpo de Cristo. Os pecadores são redimidos quando se abrem para a auto-entrega generosa de Deus em Cristo; quando com a ajuda dessa graça, imitam sua obediência e quando depositam sua esperança de salvação na contínua misericórdia de Deus em seu Filho. Em suma, ser redimido é entrar em comunhão com Deus por meio da

solidariedade com Cristo. No Corpo de Cristo, as paredes da divisão são progressivamente demolidas; a reconciliação e a paz alcançadas. (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, p 53)

4.6 MARIA, IMAGEM DA NOVA HUMANIDADE

Maria é uma grande colaboradora com o plano de salvação de Deus,

Na primeira criação, tudo o que existe é 'chamado do nada à existência'. Nesta nova criação que começa, Aquele que é gerado eternamente do Pai é formado de uma terra viva, de todo o ser de sua mãe (CORBON, 2014, p.26).

Podemos falar de uma pedagogia divina, que se revela no tempo, progressivamente, para a salvação do homem, “Promete Deus, logo depois da queda, a Redenção (Gn 3,15), mas a obra da Redenção propriamente dita, só se realizou depois de longo período de tempo, de preparação de toda a humanidade [...]” (BARTMANN, Vol. 1962, p.9). Ao falarmos da encarnação e de toda a vida de Jesus veremos sempre a presença silenciosa e formativa de Maria. Ela foi agraciada e colaborou grandemente com a Graça de Deus, “Na encarnação do Verbo, Maria não é um lugar inerte, mas todo o seu ser pessoal é oferecido, doado, entregue ao Espírito Santo” (CORBON, 2014, p.26).

A Igreja a venera pela grandeza da sua humildade, quando entregou sua vida totalmente à vontade de Deus, ela, “[...] na santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais próximo de nós (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 2014, n 5)”. A história e a contribuição da Mãe do Redentor na Obra realizada por seu Filho é singular. Assim, toda a sua vida é modelo para a Igreja, da mulher e mãe do Redentor que O acompanhou durante toda Sua vida e que uniu à Paixão de Seu Filho as suas dores,

Assim também a Santíssima Virgem avançou no caminho da fé e conservou fielmente a união com seu Filho até a cruz, junto da qual, por desígnio de Deus se manteve de pé (cf; Jo 10,25); sofreu profundamente com o seu Unigênito e associou-se de coração maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado [...] (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 2014, n 58)

Ao colaborar com o plano salvador de Deus, Maria enfrentou na sua caminhada momentos difíceis e de profunda dor,

Em Maria, os sofrimentos, numerosos e intensos, sucederam-se com tal conexão e encadeamento que bem demonstram a sua fé inabalável; e foram, além disso, uma contribuição para a Redenção de todos (JOÃO PAULO II, 2009, n 25).

De modo especial, a crucificação do Seu Filho inocente, foi um dos momentos mais dolorosos da sua vida,

[...] foi no Calvário que o sofrimento de Maria santíssima, conjunto ao de Jesus, atingiu um ponto culminante dificilmente imaginável na sua sublimidade para o entendimento humano; mas, misterioso, por certo sobrenaturalmente fecundo para os fins da salvação universal (JOÃO PAULO II, 2009, n 25).

Da desobediência da primeira mulher, Maria é a resposta esperada por Deus, “Portadora do Verbo antes de concebê-lo, ela aprendeu o oferecimento d’Aquele que é total consentimento ao Pai. Moldada pelo Espírito, ela vê, sem o saber, que a atividade mais fecunda do homem é ser ‘capaz’ do seu Deus” (CORBON, 2014, p.26). Maria é imagem da nova humanidade, assunta aos céus pela Graça de Deus ela pré-figura a imagem da Igreja e da humanidade. Na comunhão celeste Maria intercede juntamente com os Santos pela Igreja peregrina, e por todos os filhos de Deus, para que todos se encontrem e sejam encontrados pelo Redentor.

4.7 A REDENÇÃO NA PATRÍSTICA

Para os Padres da Patrística, a Redenção é vista como uma libertação da mente e do espírito. Inácio de Antioquia se refere a Cristo como o médico que cura as doenças e liberta o homem pela Sua bondade. Ele faz tudo isso por ter o poder de perdoar os pecados, “Existe apenas um médico, carnal e espiritual, gerado e não gerado, Deus feito carne, Filho de Maria e Filho de Deus, vida verdadeira na morte, vida primeiro passível e agora impassível, Jesus Cristo nosso Senhor” (INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p 84). Clemente mantém a mesma linha de pensamento e mostra assim como Inácio de Antioquia que o que Deus pede do ser humano para a realização das Suas obras é a fé,

Nós te suplicamos Senhor: Sê nosso auxílio e protetor. Salva os nossos que estão na tribulação, ergue os caídos, manifesta-te aos necessitados, cura os enfermos, reconduze os que se afastaram do teu povo, sacia os famintos, liberta nossos prisioneiros, reergue os fracos, consola os covardes. Que todas as nações reconheçam que tu és o único Deus, que Jesus Cristo é o teu Filho e ‘nós somos o teu povo e as ovelhas do teu rebanho’ (CLEMENTE ROMANO, 1995, p 60.).

A Carta a Diagneto mostra também, a incapacidade humana de alcançar a salvação pelos méritos puramente humanos,

Quando a nossa injustiça chegou ao máximo e ficou totalmente claro que a única retribuição que poderíamos esperar era o castigo e morte, chegou o tempo que Deus estabelecera para manifestar a sua bondade e o seu poder. Oh imensa bondade e amor de Deus! Ele não nos odiou, não nos rejeitou, nem guardou ressentimento contra nós. Pelo contrário, **mostro-se** paciente e nos suportou. Com misericórdia tomou sob si os nossos pecados e enviou o Seu Filho para nos resgatar: o santo pelos ímpios, o inocente pelos maus, o justo pelos injustos, o incorruptível pelos corruptíveis, o imortal pelos mortais. De fato, que outra coisa poderia cobrir nosso pecados, senão a sua justiça? Por meio de quem poderíamos ter sido justificados nós, injustos e ímpios, a não ser unicamente pelo Filho de Deus? (CARTA A DIAGNETO, 1995, p 26-27).

Justino desenvolve um pensamento que se aproxima do Credo e revela uma tradição litúrgica nascente da Igreja que continua a obra do Senhor de curar e expulsar os demônios,

Jesus', em troca, é nome de homem que tem a sua própria significação de 'salvador'. Sim, com efeito, como já dissemos, o Verbo se fez homem por desígnio de Deus Pai e nasceu para a salvação dos que crêem e distribuição dos demônios. Podeis comprová-lo por aquilo que, agora mesmo, está acontecendo diante de vossos olhos. De fato, em todo mundo, e em vossa própria cidade imperial, muitos de nossos, isto é, cristãos, conjurando pelo nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, curaram e ainda agora continuam curando muitos endemoninhados que não puderam sê-lo por todos os outros exorcistas, encantadores e feiticeiros. E assim destroem e expulsam os demônios que possuem os homens. (JUSTINO DE ROMA, 1995, p96).

No seu pensamento se nota o poder do Filho verdadeiro de Deus, que tem poder para submeter todas as forças do mal,

Com efeito, sempre rogamos a Deus por meio de Jesus Cristo para que sejamos preservados dos demônios, que são estranhos à piedade de Deus, e que adorávamos antigamente, a fim de que, depois de que nos convertermos a Deus, por meio de Jesus Cristo, sejamos irrepreensíveis. Com efeito, chamamos de auxiliador, e de redentor nosso aquele cujo nome faz estremecer até os demônios, os quais hoje mesmo se submetem, conjurados pelo nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos, procurador da Judéia. De modo que seu Pai lhe concedeu tal poder, que em seu nome e pela economia de sua paixão até os demônios se submetem (JUSTINO DE ROMA. Diál. com Trifão. 30,3, p.153-154).

Irineu fala do Senhor como Mestre, Verbo que se encarnou para salvar a humanidade,

Por outro lado, não era possível aprender a não ser vendo o nosso Mestre e percebendo com nossos ouvidos a sua voz, para que imitando suas ações e

praticando as suas palavras tivéssemos comunhão com ele e dele, que é perfeito desde antes da criação, [...] Ele que é perfeito em tudo, Verbo onipotente e homem verdadeiro, que nos resgatou a preço de seu sangue, como era conveniente ao Verbo, entregando-se como resgate em favor dos que se tornaram escravos. [...] Se, portanto, é pelo seu próprio sangue que o Senhor nos resgatou, se deu sua alma pela nossa alma e sua carne pela nossa carne, se efundi o Espírito do Pai para operar a união e a comunhão de Deus e dos homens, fazendo descer Deus até os homens pelo Espírito e elevando os homens até Deus pela sua encarnação, se nos concedeu, na sua vinda com toda certeza e verdade, a incorruptibilidade pela comunhão que temos com ele, perdem todo o seu valor os ensinamentos dos hereges (IRINEU DE LIÃO. (V Livro, 1,1). In: IRINEU DE LIÃO, 1995, p.518-519).

Agostinho mostra que Deus veio para salvar e resgatar o homem, pois somente Ele tinha condições para fazer isso e arrancar o homem do domínio do inimigo, o estado do homem sem a Redenção é o da perdição, Cristo liberta o homem da escravidão do pecado e o torna verdadeiro filho,

O primeiro nascimento sujeita a pessoa à condenação, da qual somente o segundo a liberta. Sujeita-a o diabo, liberta-a o Cristo; sujeita-a o sedutor de Eva, liberta-a o Filho de Maria; sujeita-a o que pela mulher veio até o homem, liberta-a o que nasceu de uma esposa que não conheceu varão; sujeita-a o que introduziu na mulher causa da sensualidade, liberta-a o que sem sensualidade foi concebido em mulher. O demônio pôde a todos manter cativos por meio de um apenas; apenas um pode libertar de sua dominação, aquele a quem não conseguiu dominar (SANTO AGOSTINHO, 1998, p.313-314).

Agostinho mostra que a salvação não é por méritos humanos, mas pela gratuidade amorosa de Deus,

Mas esta graça, sem a qual nem as crianças nem os adultos podem ser salvos, não é dada em consideração aos merecimentos, mas gratuitamente, o que caracteriza a concessão como graça. Justificados gratuitamente pelo seu sangue (SANTO AGOSTINHO, A natureza e a graça, (4), p.115).

Sem a Graça todos pereceriam por causa do pecado “Assim toda a raça humana merece castigo. E se todos recebessem a punição, a punição não seria injusta. Por isso os que são libertados pela graça não se denominam vasos de seus méritos, mas vasos de misericórdia (Rm 9,23)” (SANTO AGOSTINHO, A natureza e a graça, (5), p.115-116).

CONCLUSÃO

A Ordem Cartuxa possui como símbolo uma figura que representa o mundo com uma cruz fixada no seu centro juntamente com a seguinte frase que a acompanha: A cruz de Cristo permanece intacta enquanto o mundo gira a sua volta. Esse símbolo juntamente com a frase representa para nós uma verdade por Deus estabelecida. A cruz continua fixada sobre o mundo revelando a vitória de Deus. Ela é o marco e o ponto de encontro da humanidade e da divindade. Na cruz a verdadeira reconciliação é alcançada por Deus; a humanidade, banhada pela Sua Graça salvadora. Esse acontecimento marca a vida de todo homem. Cristo é a vitória sobre o mundo, o pecado e a morte. O Filho único de Deus nos revela o amor do Pai. Da cruz nasce a Igreja como uma fonte que sacia o homem sedento de Redenção, de salvação e de paz. Os que se encontram com Cristo se tornam Suas testemunhas. Testemunhas de uma Boa Nova, Ele não está mais morto, e sim, Ressuscitado. Ainda hoje, continua a procura do homem, dos necessitados, dos pecadores e aguarda ansiosamente por este encontro. Continua ainda, simples, presente na vida do povo e da comunidade que em Seu nome se reúne. Presente no irmão abandonado, preso, com fome, naqueles que clamam por justiça. Ele é o Bom Pastor que conduz as suas ovelhas e que dá a elas descanso e alimento.

Nosso trabalho é obra de um agradecimento por tudo o que Deus nos deu e nos confiou. Fomos encontrados por Cristo e desejamos ser suas testemunhas. Embora a maldade e o pecado nos rodeia, faz parte da nossa vida, permanecemos confiantes de que a Sua Graça e o Seu amor misericordioso nos manterá fiéis até o fim. Precisamos e queremos manter os olhos fixos na Sua cruz. Que o nosso sofrimento seja capaz de nos purificar e de nos colocar mais próximos do Redentor. Que as sementes lançadas dêem frutos de amor e permaneçam para todo o sempre.

Que a Redenção nos ajude a acreditar na humanidade, mesmo em meio a tanta maldade, sofrimentos e dificuldades do nosso tempo presente. Precisamos lutar e ter esperança em cada ser humano. Aguardamos o encontro definitivo com o Pai das Misericórdias. Pelo Redentor o mundo encontrou valor, pelo Redentor o homem se tornou conhecedor da sua vocação e ao que ele é chamado. Diante do Redentor o homem descobre que é grande e pequeno. Diante do Redentor o homem se cala e contempla a loucura do amor, a loucura da cruz!

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Vida a partir da Morte: meditações sobre o mistério Pascal**. São Paulo: Paulus, 2016.

BARTMANN, Bernado. **Teologia dogmática, Vol I: Revelação e fé – Deus – A Criação**. São Paulo: Paulinas, 1962.

BARTMANN, Bernado. **Teologia dogmática, Vol. II: A Redenção – A Graça – A Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1962.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.

BLANK, Renold J. **Escatologia da pessoa – Vida morte e ressurreição**. São Paulo: Paulus, 2000.

CARTA A DIAGNETO. In: PADRES APOLOGISTAS. Trad. Ivo Stormiolo. Euclides M. Balancin. São Paulo, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Catechismus Ecclesiae Catholicae**, São Paulo: Loyola, 1999.

CLEMENTE ROMANO. Primeira Carta aos Coríntios. In: PADRES APOSTÓLICOS. Trad. Ivo Stormiolo. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Teologia da redenção**. São Paulo: Loyola, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática **Lumen Gentium** sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 4. reimpressão 2014.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, **Dei Verbum**. In Documentos do Vaticano II: Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 5. ed. 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. **Sacrosanctum Concilium** sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição Pastoral **Gaudim et Spes** sobre a Igreja no mundo de hoje”. In Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 7.ed. 2011.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA: **Sexualidade humana: verdade e significado, orientações educativas em família**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORBON, Jean. **A fonte da Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2.ed. 2014.

GRÜN, Anselm. **Imagens bíblicas da Redenção**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios. In: PADRES APOSTÓLICOS. Trad. Ivo Stormiolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. In: IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. Trad. Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. Bula de proclamação do jubileu pelo 1950º aniversário da Redenção. **Abri as portas ao redentor**. São Paulo: Paulinas, 6. ed. 2006.

JOÃO PAULO II. Carta apostólica **Salvifici doloris** sobre o sentido cristão do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 11.ed. 2009.

JOÃO PAULO II. Carta encíclica **Fides et Ratio** sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 3.ed. 1999.

JOÃO PAULO II. Carta encíclica **Redemptor Homines**. São Paulo: Paulinas, 8.ed. 2001.

JUSTINO DE ROMA. II Apologia. In: JUSTINO DE ROMA, I e II Apologias, Diálogo com Trifão. Tad. Ivo Stormiolo. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

KIERKEGAARD, Soren A. **As Obras do Amor**. Petrópolis: Vozes, 3. ed. 2012.

LADARIA, Luis F. **Introdução à Antropologia Teológica**, São Paulo: Loyola, 1998.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **A Revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à Transfiguração**. São Paulo: Planeta, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2013.

SANTO AGOSTINHO. A Graça de Cristo e o pecado Original. In: SANTO AGOSTINHO, *O espírito e a letra, A natureza e a graça, A Graça de Cristo e o pecado Original*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da liturgia cristã**. São Paulo: Loyola, 2001.

VANHOYE, Albert. **A mensagem da Epístola aos Hebreus**. São Paulo: Paulinas, 1983.